



Dedival Francisco Alves,

Nascido aos 20 dias do mês de outubro do ano de 1960, na zona rural a Boa Vista dos Andradas, município de Álvares Florence, no estado de São Paulo. No entanto, o registro de nascimento consta no dia 26 do mesmo mês e ano com naturalidade em Cardoso.

Morei na zona rural até aos 19 anos de idade. Estudei os 4 primeiros anos no Grupo Escolar do Bairro da Boa Vista (hoje E. M. Flávio Olívio de Camargo) e o ginásial e colegial na Escola Estadual de Álvares Florence (hoje, E. E. Professor Geraldo Alves Machado.)

Neste período, trabalhei na lavoura de café, depois em lavouras de arroz, milho e algodão até me mudar para Votuporanga, SP e, de lá para o Estado de Minas Gerais, sendo professor por 1 ano e meio em zona rural, depois indo para o distrito de São Sebastião do Pontal, na Escola Estadual São Sebastião, hoje E. E. Professor Antônio da Silva, na época, município de Iturama, hoje, de Carneirinho, onde fiquei até o ano de 1990 e, foi a escola que tive a oportunidade de me efetivar em 2 cargos. Depois fui transferido para a cidade de Iturama, para a E. E. Nossa Senhora de Lourdes, à qual fiquei até o ano de 2015, quando me aposentei.

Sou casado há 38 anos com Arsenia Mendonça Gonzalez Alves e tenho uma filha, Danielle Mendonça Gonzalez Alves.

Este sou eu em Iturama, no dia 1º de janeiro do ano de 2024

Eu sou Dedival Francisco Alves
Estou aqui para apresentar o Menino.

○ Menino é o nome do meu Livro.

Um Livro contando: - A minha história

Sou eu, do jeito que sou!

Assim sou Eu!

Minha história

**Relato das lembranças de tudo que me lembro de
como vivi, de como fui construindo o meu eu,
como fui escrevendo meu dia a dia, enfim,
a minha história, a história da minha vida
e de tudo que vivi e que aconteceu comigo.**

O Menino

é uma história de histórias e todas as histórias são verdadeiras, são fatos que realmente aconteceram.

A inspiração para escrever o Menino surgiu da necessidade de descobrir quem eu sou.

Quem sou eu?

Para saber quem sou eu, foi necessário uma busca para saber quem eu fui, de que maneira eu fui sendo construído para eu tentar entender com foi sendo a minha formação para então procurar descobrir de que maneira está sendo a transformação deste Menino.

Só assim, passo a passo, eu posso chegar à conclusão de
“Quem sou eu”.

I

Era a quarta década do século que findou há pouco mais de um par de dezenas. Como imaginar esta década? Não faço a menor ideia. Nem imagino como se vivia.

Descobri, pesquisando, que foi um período de transição. Transição de quê? Sei lá, menino. Não faço a menor ideia. Dizem que houve uma grande crise no final da terceira década e, com isso, um desequilíbrio na produção mundial que afetou, principalmente, países do chamado terceiro mundo. O Brasil tinha a economia baseada na produção de café. Começa o Governo Provisório, logo após o Constitucional e, por fim, Estado Novo sempre com Getúlio Vargas e... Paraí, o que eu tenho a ver com isso, quero contar a minha história. História do mundo, do Brasil deixa para os livros e historiadores. É só pesquisar você encontra tudo lá.

Então vamos lá. Já se caminhava para o final da década desta quarta década, entre o Governo Constitucional e o Estado novo. Nascia, primeiro um menino, que veio a ter um nome diferente, lembrando as letras. Seu nome foi a junção de um gênio a ser lido, orientava para a leitura do gênio. Depois, veio a menina, trazendo no nome a força, a coragem, a valentia. Era um gênio para ser lido de cá e a força, a valentia de lá.

Era preciso ser gênio e valente para a sobrevivência naquele período. E foi justamente, enquanto ainda brincavam pelas terras do quintal, o mundo se guerreavam. Em seus primeiros anos de vida e, enquanto as crianças brincavam, o mundo vivia a Grande Segunda Guerra Mundial.

Final de uma década e início de outra. A menina devia estar indo para o seu quinto ano de vida, adorando brincar como criança sem a menor ideia do que acontecia no mundo. Ele, apesar de gênio e um pouquinho mais velho, talvez até já ajudasse nos trabalhos, porém, com certeza, nem imaginava o que acontecia no mundo.

Com o fim da segunda guerra, a derrota dos nazistas, chega ao fim o Estado Novo. O que era Estado novo? Sei lá, menino, sempre fui péssimo história. Faz alguma coisa, pesquisa aí. Pesquisa também sobre Getúlio Vargas e aprende um pouco de história pra você me explicar depois.

Eu quero falar das crianças. É claro, o tempo foi passando, passou a adolescência, chegou a juventude e a idade de namorar.

Quis o destino que os dois se apresentassem um ao outro, então, a flecha do cupido acabou por acertar os corações daqueles jovens e os conduziram até a união para que, juntos, viessem a construir uma família.

Que pena, o sonho de um Lar novo teve que ser adiado. Por quê? Vou lá eu saber, nem tinha sido fabricado ainda. Só sei que me contaram que tiveram que dividir espaço com a sogra, cunhada e cunhados., só até o tempo de construir uma nova casa. Por que não esperaram construir a nova casinha? Certamente estavam com vontade de casar. Pelo que eu sei, naqueles tempos a mulher era preparada para ser a dona de casa. Era responsável por tudo, lavar, passar, cozinhar e ainda tinha que preparar o banho do maridinho, arrumar a roupa pra ele vestir, colocar comidinha no prato. Já pensou, menino, ter que fazer tudo certinho diante aos olhos e críticas da sogra. Coitada das

mulheres, era fácil ser mulher naquela época não, hein. E você, menina, acostumada no ritmo de hoje, como você acha que seria? Eu te conheço, rebelde como você é, seria devolvida na primeira semana. Pois, ainda tinha disso. Se a amada e idolatrada esposa não fosse um doce de esposa corria o risco de voltar para casa dos pais. Já imaginou? Que situação, hein, meninos?

E, chegava ao fim a era de Getúlio, no entanto, depois do número correspondente aos dedos da mão, Getúlio é eleito para ficar mais um tempinho até que resolveu não fazer mais parte do mundo aqui no plano terra (alguns governos com pouco tempo) para depois dar início a era de JK.

Em meio a esta turbulência, é exatamente neste período que começa a história do Menino.

A história deste menino que nasceu, teve a sua infância longe da cidade, onde cresce o mato e canta os pássaros e há terra e pode brincar com a terra, se sujar, correr pelos quintais, depois, maiorzinho, ir à escola. Até a adolescência chegar para então sentir um pouco mais de responsabilidade, ajudar a buscar o pão nosso de cada dia, sentir na pele o quanto era difícil. E, mesmo com tantas dificuldades, continuar estudando, aprendendo e sonhando com uma vida um pouquinho diferente daquela. Poder voar e buscar novos ares. E, então, já adulto, este menino ganhou asas e caminhou rumo a um outro estilo de vida

II

Assim começa a história do menino.

Faça um desenho que venha representar um numeral que possa ser lido de lados diferentes, aliás faça uma dupla desta imagem. Comece a contagem e, depois coloque um desses desenhos com a bolinha para cima e o outro com a bolinha para baixo e acrescente o algarismo que, sozinho, não aponta nenhum valor, mas quando acompanhado inicia as dezenas, centenas,... .Então, menino, vai formar exatamente o numeral que representa o ano que entra para a história e o sonho se tornava realidade.

Já avançava o quarto mês daquele ano. Inaugurava-se a cidade de Brasília, a nova capital do Brasil. Uma construção, uma verdadeira obra de arte em todos os sentidos. É claro que não vou descrever. Se quiser saber, é só pesquisar.

E...

Era o primeiro mês do último quarto e, já se ia também a parte final dos dias daquele mês do ano da inauguração daquela cidade que fora desenhada, arquitetada. Borboleta, Avião ou o Sinal da Cruz? Vai lá, procura saber. Fica esperando resposta pronta não. Só sei que Eu sou Eu em formato de gente, de ser humano e é de mim que vou falar.

O dia que ficou registrado, ou pelo menos, para ser lembrado que alguém deveria ganhar os parabéns. Era Eu mesmo, o primeiro filho daquele casal, sim, aquele casal cujo o homem misturava a leitura e a genialidade para criar o seu nome, um gênio para ser lido e, basta inverter os adjetivos que você saberá o nome dele e, ela, tinha a força, a coragem, ser valente para ter um nome forte, era a

valentia em pessoa. Já haviam realizado a união e já se tornavam donos um do outro, ou unidos a um só, como queiram, mas a genialidade e a valentia ainda não haviam se manifestado, pois ainda nem tinham um Lar pra chamar de seu. Vivia na dependência daquela que deu a vida ao homem na formação daquele par de pessoas que se uniram para começar uma nova família.

Quer dizer que quando você chegou do hospital, ainda não foi para sua casa? Primeiro, quem falou em hospital, menino? O parto era em casa mesmo. Era uma parteira. Sei lá como se sabia o dia do parto. Sei que se fechavam no quarto, só mulheres. Os homens ficavam de fora só esperando. Você quer saber como se sabia o sexo da criança para escolher o nome? Que isto, menino, ninguém sabia não. Apenas tentavam adivinhar.

Os machos, do lado de fora, e até algumas mulheres que não faziam parte daquele momento, assim como as crianças que também eram impedidas de entrar e todos ansiosos, até ouvirem o choro e aí então gritavam: Graças a Deus nasceu. Depois de algum tempo aparecia alguém para dizer, no meu caso, alguém disse “é um menino”. Certamente o pai ficou muito orgulhoso. Primeiro filho, do sexo masculino, um homem, para poder brincar de bola, ser um jogador e quando crescer, poder trabalhar, ajudar na lida. (Fui um pouco de tudo isto: A bola era a minha paixão e era a paixão do velho assistir seu craque, usando a camisa 10 se exibindo com a redonda e, com a camisa dez também, consegui fazer alguma coisa nos trabalhos do sustento da casa, no pão nosso de cada dia.)

Por algum tempo (só sei porque me contaram) dividiam espaço na casinha abençoada daquela que era minha avó (que eu amava). Além de nós, era também o habitat de uma dupla de tios e uma tia. Um tio e a tia só se comunicavam através dos sinais. E o outro que tinha lá suas dificuldades. Pensam que estudaram e aprenderam? Que nada. Eram sinais de comunicação criados por eles mesmos. E como eles se entendiam!!! A conversa ia longe. Bom, na época eu era pequeno e, só depois de maiorzinho que isto ficou na memória.

Mas o caso é que foram chegando mais gente. Olha, não demorou muito. Logo, logo descobriu que estava grávida pela segunda vez. E as apostas, o que seria, menino ou menina? Ganhou quem apostou em menina. Pensa que parou por aí, que nada, não demorou tempo nenhum para descobrirem uma terceira gravidez. Como não se fazia exame na época para descobrirem se era homem ou mulher, seguia a expectativa até o nascimento. Nasceu outra menina e, ...Não dava pra ficar mais. E aí? Aí, que o casal teve que se virar, fazer valer o gênio e a valentia e construir a sua casinha, a nossa casinha. O Lar para ser só nosso, da nossa família de uma dupla de adultos e um trio de crianças,

Enquanto lá no governo as coisas se tornavam difíceis, veio o golpe Civil-militar e o país passando a viver a Ditadura Militar. Eu, sofrer com o golpe civil-militar? Que nada, nem sabia o que era isto. Com certeza trouxe problemas para a população. Lendo nos livros, sei que muitos morreram sob tortura, alguns desapareceram e outros foram exilados. Dizem que tinham que ficar mudo.

Não podiam falar nada. Senão... iam preso e não voltavam. Acho que foi um período complicado. Pensar no que podia falar. Coitados. Eu era criança, só pensava em brincar.

A casinha, ah! A casinha. Contando hoje, talvez nem façam ideia que aquilo era uma casinha. Olha, até posso dizer que era uma, **um Lar**. Apesar de tanta dificuldade, a gente encontrava um jeito de se divertir, procurava ser Feliz ao nosso modo.

Como era a casinha? Era de pau a pique. Como? Simples explicar. Nos cantos, uma madeira forte, roliça, a chamada madeira de lei, era o sustento para suportar uma outra roliça ligando os cantos, uma por cima, outra rente o chão. E, a partir deste suporte, eram encaixadas ripas rachadas de coqueiros que iam formando as paredes. Se ficavam buracos? Sim, é claro, em cada vão de uma ripa e outra. O vento, a chuva e o frio entravam? Não, entrava não. Como? Dava-se um jeitinho. Era tudo com jeitinho. Barro, sim por fora era barro, bem amassadinho. Jogava em toda a parede. Ficava uma parede vermelha, de barro. Como grudava? Ah! Isso eu não sei não. Só sei que grudava. Isto por fora. O encanto estava por dentro. A genialidade e valentia estavam por dentro. Alguém já ouviu falar em saibro? Não? Era um barro branco. Este, sim, tinha uma liga. A colher de pedreiro era a própria mão. Aquela senhora, de coragem, valente, usavam sua própria mão como se fosse a colher de pedreiro. Aí que vinha a habilidade, a arte. Era feita com tanto carinho que a parede ficava branquinha, lisinha, uma fofura. Dava gosto de ver. Sabe o que era bom? O saibro era de graça e podia refazer sempre. Então, a casa sempre limpinha, dava até gosto de

ver. Ah, não era rente ao chão não, tinha até escada. Era chique, bem. Se as obras do João de barro na nova capital eram obras de arte, imagina a casinha que construímos. Era mais obra de arte. Pena que não existe mais para ser visitada.

Sabe a madeira roliça que ficava rente ao chão? Então. Era ela que limitava o nível. Pois é, pois é. Nível. Sim, aterrava até um lado ficar no nível do outro. Dependendo da caída do terreno, dava até escada. Sim. A nossa tinha um degrau de fora para a cozinha e mais um da cozinha para a sala. Os quartos ficavam ao mesmo nível da sala. Da sala pra fora também seguia o mesmo nível. É isto. Sem ciência, sem tecnologia, ficava no nível. Os cômodos ficavam planos. Era bom que a água que caía pra lavar não escorria. O quê? Lavar com água? Esqueceu que era só terra? Jogava, sim, uns pinguinhos de água só para apagar a poeira. Só varria. Com vassoura de fabricação caseira. Matéria prima dali do mato mesmo. Uns faziam de guanxuma. Era fácil de fazer. Cortava um tanto, esperava murchar, pegava um feixe, amarrava na ponta de um pau de uns dois a três centímetros de diâmetro com mais ou menos um metro e meio de comprimento. Era uma planta fácil de encontrar. Também tinha as mais chique, feitas da planta chamada vassoura. Essa era preciso cultivar. Tinha que plantar, cuidar até chegar o ponto da colheita. Esta exigia uma técnica para fazer. Eu ajudava meu pai e aprendi. Era até costurada. Se precisar, ainda consigo fabricar uma vassoura dessas, a vassoura de piaçava. Tá curioso pra saber como era? Vai ficar na vontade. Ou então, pesquisa. No google se acha tudo. Vai lá, procura.

O telhado. Se tinha telhado? É claro que tinha. (Havia telhado até com folhas) A que servia de abrigo a mim, as irmãzinhas, papai e mamãe tinha telhado e com telha. Era uma telha simples (vou mostrar abaixo como era essa, se apavora não). A madeira roliça da parte de cima, era dali que se começava. Tinha até cominheira para não dar goteiras. As laterais eram baixas, mas no centro, encima de outra roliça erguia um suporte para levantar outras madeiras inclinadas. Daí era só colocar as madeiras adequadas e distribuir as telhas.



Era assim. Passo a passo. Olha que maravilha. Não é chique? Aqui só falta a escada.

Diga se não era um trabalho de arte.

Como se trancava? Por dentro era uma taramela e por fora, era simplesmente amarrada com barbante. Era hiper protegida. Ah, se era. Pensa que era fácil arrombar? Era não. Tinha-se o respeito e a chamada vergonha na cara. Coisa alheia, não se mexia.

Assim era nossa casa de luxo. Pena que não dá pra ver a beleza de dentro. A pintura de pintura. Os móveis? Se tinha? É claro. Mesa de madeira rústica, cadeiras também de madeiras. Se eram caras? Claro que não. Fabricação do morador. As cadeiras tinham acento gostoso. Taboa. Já ouviu falar? Não? Então, é uma planta na beira do brejo. Uma folha comprida de uns dois centímetros de largura e

comprida. Como fazia? Isso eu não explico. Era trabalho artesanal. Quem sabia ganhava dinheiro empalhando cadeiras. Esqueci, tinha banco, também com habilidades do morador. Alguns de tábuas, outros de madeira roliça mesmo. O importante era que tinha lugar pra sentar, para tomar uma xícara de café, comer o arrozinho. Se eram feitas no fogão a gás? Que isso, quem te falou que isso existia lá. Era fogão a lenha mesmo. Se hoje há fogão a lenha? Sim, há. Olha, e quem tem é até um luxo. Muito bem-feito. Na época seguia o padrão madeira, barro e saibro e alguns tijolos. A única coisa que se comprava era a chapa. Sim, uma barra de ferro com furos no tamanho para segurar uma panela. Esta tinha que ser de ferro. Tinha que comprar, não tinha outro jeito.

Outra coisa interessante, menino. Falei do cafezinho. O trabalho era na lavoura cafeeira, isto quer dizer o quê? Que o café também não precisava comprar. Só um detalhe, era socado no pilão (até eu socava), depois, ia para o torrador. Era um cilindro com um cabo. Ia para o fogo e, coitada da mãe, só sobrava para ela, ficar girando, girando até ficar no ponto. Só podia ser a mãe mesmo, só ela sabia o ponto. Ela dizia que era pelo cheiro. Depois, aí sim sobrava para nós, moer os caroços até virar pó e ficar no jeito de preparar um cafezinho. Que delícia ficava aquele cafezinho.

Sabe o que era divertido? Quando fazia frio. Ia a família inteira pra beira do fogão. Quem levantasse primeiro, pegava o melhor lugar. E a mãe, coitada, esta não podia sentar. Tinha que fazer o café. Pelo menos não ficava sozinha. Ficava todos à sua volta, ou melhor, a volta do fogão.

Se todas casas eram assim? Não. Só a dos mais pobres. Também haviam as pessoas do dinheiro. A história contada é a minha história. É a história que eu vivi que vou contar pra você. Até que era divertido. O sustento, esse era..., não era nada divertido. A batalha foi dura. Vencemos, mas... Você vai ver como foi a minha infância e adolescência. Morei em uma casa assim até mais ou menos uma dezena de anos. Depois? Melhorou, mas só um tiquinho. Calma. Vou contar. Tenha paciência. A história é longa.

III

Então. Até mais ou menos uma dezena de anos foi numa casa de luxo assim que vivi.

E, neste período, aconteceu mais uma gravidez. Nasceu a terceira filha. Mais uma vez, passou o período de nove meses em que as pessoas tentavam adivinhar qual era o sexo. Alguns diziam, olha o formato da barriga, isto é menina, uma outra escondia um garfo e uma colher debaixo de uma almofada, em qual a mãe escolhesse, caso fosse o garfo, era um menino. Uma outra forma era amarrar uma linha na aliança e deixar pendurada sobre a barriga da mãe, se a aliança rodasse era uma menina ou se balançasse, era um garotinho. E assim ia se divertindo até a parteira chegar, fazer seu trabalho e, aí então ia ouvir, eu não falei, eu estava certa, é uma menina, minha técnica não falha.

Então, já éramos um quarteto de filhos. Três meninas e eu, o bendito o fruto entre as mulheres.

A vida era assim. Os responsáveis que pulavam miudinho pra trazer o alimento. Eu, sendo o mais velho de uma turma de quase metade de uma dezena, sendo ainda o único homem entre os irmãos, via o tamanho da dificuldade.

Até a metade da metade de uma dúzia de anos, as lembranças são mínimas. Quase que só no *o que disseram, o que contaram, o que me falaram*. Lembro de um ipê a poucos metros de casa, como era lindo quando estava florido, cor do losango da bandeira nacional. E, de um gato quando chegava em casa carregando um preá. Logo ouvia minha mãe dizendo: “hoje tem mistura”. Coitadinho, caçava, vinha comer em casa e sua refeição era roubada.

Sorte era nossa que ganhava uma carne para comer de mistura.

Outro fato que eu lembro bem, e não irei esquecer nunca, eram as visitas. O responsável pelo nascimento não esquecia aquela que lhe deu a vida, minha avó, minha adorável avó. E eu, é claro, que amava a vó, ia junto (desta época que lembro das conversas por sinais). Todas as vezes que lá íamos (olha que não era pouco, de duas a três vezes por semana, era perto, um trecho aí, de mais ou menos uns cinco quarteirões daqui da cidade.) ela tinha alguma coisa para eu comer. Certo dia, coitada, acho que não tinha nada de bom que eu gostasse, então disse que ia fazer uma gemada (e eu adorava gemada, eu mesmo fazia a minha. Você gosta? Já experimentou? Não? Eu adorava. Eu mesmo fazia a minha. Eu colocava a clara no prato e batia, batia, batia. Se era no liquidificador? Claro que não. Liquidificador precisa de energia, e a energia lá era só dos braços. Não ouviu que falei que acabei de falar que colocava no prato? Ali eu batia com garfo até que pudesse virar o prato e a clara do ovo não caía, então acrescentava a gema, batia mais um pouco, acrescentava o açúcar, misturava mais um pouco. Era uma delícia. Experimenta para você ver. (tem que fazer do jeito certo, senão...) Mas a da avó, coitada, acho que não sabia fazer. Misturou tudo de uma vez, a clara, a gema e o açúcar. Bateu um pouco e trouxe para mim. Coitado de mim neste dia. Como dizer não!!! Não podia, tive que limpar o prato e dizer que estava bom. Ah! Como estava bom. Ainda bem que o estômago era bom. Mas, continuei amando e visitando a avó todas as vezes que o filho de minha adorada avó ia. Ele ia, podia ver

que eu era sua sombra. Às vezes saia escondido. Eu percebia e corria atrás. Ia mesmo.

Já no segundo quarto de uma dúzia, ali entre a metade de uma dezena, já posso imaginar situações.

Como era bom encher a barriga de frutas. De fruta não tinha miséria. Perdia-se até.

Era a chamada zona rural. Zona em que os moradores tiram o sustento trabalhando com a terra. Tudo se plantava, tudo se colhia, quer dizer, às vezes faltava chuva, aí a produção era pequena. A fruta, sim, a fruta era fartura, era da natureza. Goiabas, mangas, abacates, tamarindos (chega dá gastura nos dentes do azedo) e outras frutinhas do cerrado como o marmelo, a pitanga, o piqui e o jatobá. Era uma festa sair à caça de frutas.

Em época de manga era uma farra. As mangueiras eram altas, mas seus galhos são próximos. Acredita que a gente brincava de barata em cima da mangueira. Se nós pegávamos as baratas e levava para cima da mangueira? Claro que não. Barata era uma brincadeira em que uma turma se organizava, escolhia um para começar com a barata e este tinha que correr atrás dos outros até tocar em alguém e este alguém passava ser o da barata. No chão era fácil. A gente fazia isso em cima da mangueira. Se era perigoso? É lógico que era. De vez em quando alguém escapava lá de cima e bumba no chão. Alguns tombos deixava o menino ou a menina todo dolorido. Era uma aventura.

Se tinha melancia? Vixe! Esta era mais complicada. Tinha sim, as que chamávamos coquinho. Ah, tinha coco de vários tipos. Daí o apelido das melancias que tínhamos no

meio das lavouras. Eram pequenas, mas eram gostosas. Pássaros transportavam suas sementes e elas brotavam por todos os cantos. Depois de um dia de um trabalho sob um sol forte, cansados, mas não esqueciam das crias em casa esperando e, sempre traziam quando voltavam do trabalho, produziam quase o ano inteiro. Assim também nasciam os mamões. Tinha os roxinhos, que delícia que eram, docinhos. Na beira do mato tinha uma árvore de jatobá. Trazia também. KKK. Por que estou rindo? Era engraçado. Já viu alguém comer jatobá e conversar? Há uma espécie de pozinho. Ao comer e falar ao mesmo tempo, o pozinho ia voando, era divertido. E, claro, se era dia de comer jatobá, já se escolhia uma vítima. Se havia alguém que estava a passeio (se fosse da cidade então, era melhor ainda. Por quê da cidade? nada de mais, só porque não conhecia a nossa arte). Com o jatobá na boca, a provocação para falar, para rir e, era uma festa. Até que o casal responsável pelas crianças entravam no meio e acabavam com a festa. E daí? A gente também era arteiro. Arteiro era piada, era maldoso mesmo. Conhece o piqui? Claro que conhece, é famoso em algumas culinárias. E daí, o que tinha de maldade? É preciso saber comer o piqui. É cheio de espinhos. Já está imaginando o que eu vou falar. É isto mesmo, não pode morder. Virava e mexia aparecia alguém com a língua cheia de espinhos. Os boizinhos e patricinhas da cidade (era assim que a gente chamava os da cidade que vinham passear). A gente fingia que mordida e dizia que era uma delícia (de fato é uma delícia). “Pode morder, você vai gostar”. Coitados!!! Enchiam a boca de espinhos. Uns até

choravam. Pra nós, era só gargalhada. Que maldade, como se ria do sofrimento alheio.

As melancias? Ah, sim. Comecei falar e não terminei, mudei de assunto. Que maldade. Ninguém ridicava uma melancia, ou qualquer fruta. Sempre tinha aqueles, sim aqueles que adoram uma arte. Ninguém sabia se a melancia estava madura ou não. Canivete. Sim, canivete. Todo moleque tinha um na cintura. Com ele, abria uma tampa. Olhava, depois voltava a tampa, mas a melancia, ... apodrecia. Alguns cortavam só por maldade mesmo, só pra estragar.

Com o canivete, cortava-se a melancia. Dava trabalho, então era mais fácil batê-la em um pau rachando-a e, cada um se virava com sua parte. Comia com as mãos mesmo, como se fosse em uma cumbuca. Até usava a melancia para lavar as mãos.

Até a metade de dúzia de anos deu pra lembrar isto com as frutas. Por ser ainda pequeno não saia pra longe com a turma. Depois, na segunda metade, nem imagina, quanta extravagância. É outra história. Conto depois.

Há algumas lembranças boas e outras desagradáveis.

A *molecada* (assim que nos chamavam) ficava sozinha. Durante o dia só se via crianças na maioria das casas. Se chegasse alguém a procura de um adulto, era preciso sair correndo para comunicar ao procurado da visita. Isto era coisa fácil, molecada é ágil. Os genitores? Coitados. Coração doído, mas tinha que ser assim. Necessitavam trabalhar.

As crianças se juntavam para brincar (de casinha, as meninas gostavam de brincar, até fabricavam suas bonecas.

Ah, só para lembrar, os homens também fabricavam seus. Fabricavam carrinhos. As mães remendavam muitas roupas e os carreteis vazios serviam de rodas. E a gente brincava). No vizinho mais próximo era onde a gente ia. Uma menina mais velha que eu e outra mais nova. Juntávamos nós lá de casa, ainda éramos três irmãs e eu. O que eu fazia no meio das meninas? Era o homem, é claro, o marido. Toda casa tinha que ter o marido, a esposa e os filhos. Não é verdade? Ainda mais naquela época, mulher tinha que ter marido, senão...., E, era o marido que fazia o serviço pesado. E, que serviço pesado!!! Mas faz de conta. Era divertido.

Só brincava, não tinha tarefa? Pensando que era só brincar? Tinha tarefa sim. Pros meninos era tirar água do poço, com um balde pequeno, é claro, os maiores só para os crescidos. Buscar lenha, meninas mais velhas era preparar a janta. Preparava também a água para o banho. Sabe como era o banho? Em uma bacia. Colocava um pouco de água quente e água fria, sentava num banco, lavava o rosto, os braços e as canelas e o banho estava tomado. O resto? Que resto!!! E daí. Você tem alguma coisa a ver com isso? Eu tinha. Tomava banho assim também. Estava nem aí. Se ficava limpinho? Ah, como ficava!!! Era o dia inteiro trabalhando (os pais) e brincando (as crianças), na terra, no meio da poeira, como ia ficar limpo? Era cada macuco!!!

Assim ficava até chegar o sábado. Sábado sim, era dia de banho bem tomado. Tinha até um chuveiro. A gente enchia ele de água, puxava por uma corda amarrada em algum suporte. Aí sim dava pra tomar banho. Até na bacia podia-se tomar um banho direito. No dia do banho de

verdade tinha que ser em local fechado, pois era preciso ficar pelado pra poder se lavar direito.

E a água que tirava do poço? Sim. Era para os porcos, galinhas e até para o pote para beber. (havia até uma brincadeira para o responsável pelos porcos, sempre alguém perguntava: Quem chama porco na sua casa? Era só uma brincadeira do denotativo para o conotativo).

Não era fácil. Era um poço com alguns metros de profundidade. Carretilha, já ouviu falar? Se era igual de pesca? Claro que não. Não dá para explicar. Pesquisa aí no *google* que você vê uma foto.

A parte triste é que o poço da minha casa secava. Tinha que buscar água no córrego. Ainda bem que era pertinho. Corria uma água limpinha.

Lembro que minha mãe improvisou um *batedô* de roupa dentro do córrego. Era metade de um galho de árvore escorada em um pedaço de tronco de árvore. Quando acabava a água do poço, era ali que ela lavava nossas roupas.

Aconteceu um fato estranho. Corria água limpinha que até dava pra beber, lavar as roupas, até dava pra brincar. Formava até pequenos lagos com até mais de metro de profundidade. De repente, a água que passava em frente de casa sumiu. Engraçado que o córrego não secou. Corria água até alguns metros acima de casa, ali sumia, depois reaparecia alguns metros abaixo. Aproximadamente a distância do comprimento de um campo de futebol, bem no espaço que ficava nossa casa, não tinha água. Era um mistério. Depois de algum tempo voltou ao normal. Foi um mistério.

Era isto. Para as crianças era só diversão. Coitado dos que deixavam de ser crianças. Da luta para trazer comida vou falar depois.

Fui crescendo, participando da luta, compreendendo que tinha pouco e faltava muito e a vontade de ter alguma coisa era grande. A vontade de tomar um refrigerante... Faltava grana para tudo.

Nossos vizinhos nos ajudavam muito com doações. Ia crescendo e compreendendo a dificuldade.

IV

Começa então a segunda metade de anos de uma dúzia. É chegada a hora de ir pra a escola. Idade que ia até uma dezena de anos de idade. Os anos do primário.

Ano da elaboração da Carta Magna Brasileira, a Constituição que deu ainda mais poder ao Executivo, em pleno Regime Militar. Exatamente no meu primeiro ano escolar. O que significou pra mim? Nada. Nem sabia o que era aquilo. Só agora que sei, porque pesquisei. Na minha rotina, nada mudou.

Chegava então o primeiro dia de ir à escola. Daquela turminha eu era o mais velho. Fui o primeiro a deixar a turma de brincar. Estava virando um mocinho, tinha que ter mais responsabilidade e começava em começar a aprender e compreender o significado daqueles desenhos que se chamavam letras, aprender o significado de cada letrinha e que elas se juntavam para ir formando palavras, aprender também a fazer aqueles rabiscos e ir juntando cada pedacinho para escrever uma letra, uma palavra, uma frase até chegar a tudo que queria falar em letras.. Que orgulho. Eu ia aprender a ler, a escrever. Podia pensar e colocar no papel tudo que queria falar. Que orgulho para quem acreditou que eu poderia saber mais das letras que eles e eles, o gênio das letras e valentia em pessoa, então depois não precisaria preocupar em quem escreveria as cartas para a família de longe, assim também teria quem as pudessem ler quando elas chegavam. O senhor da casa e a patroa gostavam de ditar para eu escrever e assim dizia o lido do gênio (é com muita alegria que pego na pena para escrever esta missiva para enviar as minhas notícias e receber as

suas). É, ele gostava de falar difícil. Infelizmente o tempo de escola foi pequeno e aprenderam pouco. Minha mãe só conseguia ler soletrando as letras, meu pai sabia um pouquinho mais. Era o sonho, eu ia seguir nos estudos. O sonho do orgulhoso era que eu fosse médico. Era só sonho mesmo (sonhar não paga) . Na vida difícil que se vivia. Mas eu podia estudar e continuar estudando. Não decepcionei, só não passei perto da medicina, mas sempre fui bom aluno, sempre com vontade de aprender e estudei até ... Deixa pra depois... Vamos voltar ao primeiro dia de aula.

Em frente a nossa humilde palhoça, do outro lado do córrego morava uma família de negros. Eram gente boa, o senhor, responsável por aquelas pessoas, era o retireiro da fazenda, era ele que tirava o leite da vaca, porém quase todo o leite era vendido, pra ele, só o salário. A dupla de patroa, a de cá e a de lá viviam se ranhetando. Não sei porque brigavam e ficavam de mal, mas logo a raiva secava e estavam de bem de novo. Era uma família maior que a nossa, não sei como se viravam. Lembro de uma mocinha, era uma linda negra. Por sorte, no início das aulas estava tudo bem entre as mães, porque se as mães estivessem de mal, os filhos também tinham que estar e, como estavam de bem, tudo estava de bem.

Então, a linda negra, um pouco mais velha que eu já aprendera as letras e o caminho da escola. Era um trecho bom de caminhada, mais de meia hora caminhando. É, até que não era tanto assim. Foi recomendada a ela que cuidasse de mim.

Íamos juntos só nós dois. Na escola, as meninas de um lado do prédio e os meninos do outro. Era pra ser assim, mas na

entrada, havia árvores e bancos para quem não quisesse brincar, ficar ali na sombra, sentado. Eu ficava ali com ela até bater o sino de entrada.

Ao soar o sino, (lembra que estávamos em regime militar) íamos todos para o pátio, frente a entrada do prédio. Todos em fila, uma masculina e outra feminina, em ordem crescente de tamanho. Hora do Hino Nacional. Postura correta. Ai de quem brincasse, risse ou não ficasse em posição adequada. Era chamado para a diretoria. O que acontecia? Não sei. Nunca fui. Nesta parte eu era obediente. Até porque a linda negra já havia me orientado.

Aí, então, tínhamos que nos separar até o recreio. No recreio, é claro, era a sombra e o banco, local de nosso encontro novamente. Ela sempre levava alguma coisa para comer e comíamos juntos. Depois voltando a aula até o final para voltarmos juntos para casa. Demorou um pouco, mas acostumei que tinha que ficar junto aos meninos. Até aprendi a brincar. Brincava de pega-pega, já ouviu falar? Eu era pequeno, mas era ligeiro, voltava todo sujo pra casa.

Na sala de aula. O que fazer, a linda negra, veja que eu adorava a negra, isto significava que eu não tinha preconceito (não tinha e nunca tive), mas que fazer sem ela. Fiquei mudo na sala. Isto mesmo. Não conversava com ninguém, a língua ficou presa, era caipiragem mesmo. Passei um ano sem dar um dedinho de prosa com a professora. Ela não falava com você? Sim, falava, mais eu era durão, não respondia. Só havia um momento que eu abria a boca. Na hora da cobrança da leitura. Eu ficava calado, porém sempre atento às explicações. As letrinhas, as palavras, as frases, o parágrafo... Ela ia perguntando e eu

respondendo ou melhor, lendo. Que alegria, sabia ler, passava de lição, aprendia outra lição. *A Caminho Suave*. Começou com a abelha, depois o elefante, a igreja, o ovo e a uva. Aprendi rapidinho. As vogais, foi uma beleza. Então chegaram as consoantes. A primeira lição foi da barriga, foi tranquilo e favorável. Então chegou o cachorro e aí pintou uma dúvida, não podia juntar letrinha do elefante nem da igreja, só podia com os desenhos da abelha, ovo e uva. Dizia que mudava de som. Fiquei na dúvida mas logo entendi o porque. Quando chegou a lição do gato, foi a mesma coisa. Isto tá começando a complicar. Na lição da jarra, descobri que as letrinhas do elefante e da igreja, tanto na jarra quanto no gato tinha a mesma pronuncia. Já começava a achar tudo engraçado. Eu ficava mudo mas entendia tudo que se falava. E as outras letrinhas foi indo, indo, indo, até chegar na última. Então chegou o livro, Comunicação e Expressão. Que encanto. Ai eu fiquei *inzibido*. Agora já eram pequenas histórias. Li tudo, não ficou nenhuma página. Lia na escola e em casa. Não sosseguei enquanto não cheguei à última lição.

Fiquei mudo com o a professora. A carteira era para dois, então, coitado do colega ao lado. Com ele eu conversava. E, de repente comecei a falar muito com este colega. Eram nós dois. Soltamos a matraca. A professora danava e daí, nem aí, continuava tagarelado e atrapalhando. A nossa carteira era a segunda, em nossa frente sentavam duas meninas que também tagarelavam até. O que fez a professora? Pode rir, foi isso mesmo, nos misturou. Passou uma das meninas para trás e eu para frente. Que vergonha!! Naquela época, tímido, não

conversava com quase ninguém, vergonhoso, caipira de fato! Que vergonha! Sentar ao lado de uma menina!!! E a zoeira dos outros meninos. A vergonha foi só no início. Logo eu já estava achando bom, bom não, ótimo, *se achando*, ao lado de uma menina. Olha, era bonita, era linda. E quando cresceu então, ficou uma jovem linda.

Mas, na verdade, mesmo com tudo isso, eu prestava uma atenção. Fui aprendendo as letras, fui mudando de lição, até concluir a cartilha, a famosa cartilha *Caminho Suave* e até ganhar o livro (já falei dele). E, já fui aprendendo também os números, as contas, a tabuada, fui ficando sabido. Até que o ano passou, e a negra me abandonou. Quer dizer, nos separaram. Ela não podia mais estudar naquele horário, obrigatoriamente tinha que ir em outro horário. E eu fiquei sem a companhia da linda negra.. Ela ia para a escola em um horário e eu em outro. Mas, também tudo ficou diferente. Os menores também chegavam o dia de irem para a escola e, já juntavam ali algumas crianças a mais. Nova turma chegava a idade para ir em busca das letras, dos números, do saber. E chegou uma turminha com meninos e meninas. Era uma festa o caminho da escola. Do mais, nada de mais, a rotina de todos os dias, ir e vir brincando a caminho da escola. Exceto uma paixão. Paixão de criança. Nem sei se pode chamar de paixão. É certo que criança quando gosta, gosta, nada mais que gostar de uma menina e achar esta menina, uma menina linda. E a negra, também não era linda? Sim, era linda, era mais velha mas era só amiga e companheira de ir para escola juntos. Acho que a menina mais nova era

também só uma amiga que eu gostava de ficar perto dela. O tempo passou e nada de mais aconteceu.

Alguns fatos aconteceram sim. Se lembra do córrego que mãe lavava roupa. Então, quando chovia forte, o pequeno córrego alagava e não podia passar, nem para ir à escola, se fosse horário de ir. O ruim era a volta. Ficávamos sem poder chegar em casa. Tinha que esperar a água abaixar.

Porém, neste pequeno córrego, em horário não escolar, permitia a pescada. Na região tinha a chamada taboca e dela se conseguia boas varinhas de pesca. Catava a varinha já pronta com linha e anzol, arrancava umas minhoquinhas, pegava o *embornar* e ia em busca de lambaris, trairinhas, chorãozinhos e carás. Cará, eita peixinho que tinha espinhos, mas depois de limpinho e frito, ficava uma delícia e uma ótima mistura. Às vezes eu era convidado a ser companheiro de pesca a noite. O pequeno córrego jogava suas águas em outro córrego bem maior e, pouco acima do encontro das águas, havia pequenos lagos que podia pegar traíras e bagres de tamanho maiores e os lambaris que eu havia pescado servia de iscas para melhorar nossa mistura para o dia seguinte. E, quase sempre a gente conseguia algumas traíras e bagres, não pegava muito, mas era bom de tamanho, então meu pai e eu voltávamos felizes para casa e mãe, ainda de pé, preparava com muito carinho aqueles peixes para o almoço do dia seguinte. Por que tinha que limpar ainda naquele dia? Fácil. Se guardasse para o outro dia, com certeza amanhecia cheirando ruim e já era. Mas, qual a diferença de guardar sem limpar e com os peixes

limpos? Simples. Após limpar, já temperava, sempre com limão e sal e o tempero protegia os peixes.

Enquanto o tempo passava, mais eu aprendia, mais compreendia e mais entendia o quanto era difícil levar o arroz e o feijão para *encher a pança* das crianças.

V

Comecei a entender que a lavoura cafeeira (Oh, já tava falando difícil) era o principal sustento, porém o dinheiro só chegava uma vez por ano, na colheita e ainda dependia da natureza, da chuva do ano anterior, ou até mesmo de uma mudança climática que acabava com os sonhos de um dinheiro a mais. Às vezes zerava a colheita. Houve um ano de esperança, o tempo naquele ano era promissor, tudo apontava por um ano vindouro de alegria, de uma graninha boa, a lavoura estava um encanto e os cuidadores do café já até faziam planos e, que triste. Era o período das flores e a primavera anunciava sua chegada. Era para ser um clima gostoso e as abençoadas chuvas deviam cair sobre o solo, pois era depois dela que se iniciavam os preparativos para a plantação das lavouras (arroz, milho, algodão...) Infelizmente a temperatura caiu e caiu tanto que, junto com o chuvisco, veio o gelo e aconteceu o que ninguém esperava, a famosa chuva de geada. É, uma geada. Tudo amanheceu branquinho. O que tem a geada na lavoura de café? Não sabe que a geada é porque cai gelo sobre as folhas e o gelo destrói o verde, no caso, acabou com os pés de café que foi preciso cortar quase que pela metade e aí, só esperando por dois ou três anos para que a lavoura voltasse a produzir e, então, começar a dar dinheiro. Uai, menino, mas não há turistas que viajam longe para ver o gelo? Nem me fala isto.. Sabe o que era ainda mais triste? Nós não éramos donos da lavoura, éramos parceiros. Tínhamos o lugar de morar e trabalhar, porém na colheita o produto era repartido entre o trabalhador e o proprietário. Se era injusto? Não, não era não. Ele era o dono, portanto tinha

que ter sua parte. É o mesmo que você morar em uma casa que não é sua, você precisa pagar o aluguel, não é? Então, parte da colheita seria o aluguel. Aí que eu via, que eu sentia o sofrimento, a angústia e o desespero de como conseguir sobreviver naquele ano e no ano seguinte.

E mais, o ano que a chuva afastava era prejuízo na certa. Tinha a turma da fé. A turma da oração. Cada pessoa enchia uma vasilha de água. Saíam de um local determinado e seguiam até o cruzeiro, Isto se repetia num período de nove dias. Se dava resultado? Às vezes sim, outras vezes não. Mas não perdiam a fé.

Passou a ser do meu conhecimento que, do cafezal não vinha só melancia e mamão. Podia plantar alguns alimentos. Principalmente no ano que a colheita ia mal, era prejudicada pela natureza, principalmente no ano da geada, era o que diminuía a fome. Plantava o feijão, então sempre tinha feijão que comíamos com farinha. Por quê? Porque às vezes faltava o arroz. Tá, o feijão plantava no cafezal e colhia, certo, mas o dinheiro de comprar a farinha não dava para comprar o arroz? E quem diz que comprava farinha? A farinha também era da colheita. Como assim? Plantava a mandioca e da mandioca se fazia a farinha, que também servia de mistura. Às vezes se conseguia uma abóbora, um mamão verde, sim, comia mamão verde afogadinho, é uma delícia. Nascia no mato o maxixe, um caxi, que também misturado com arroz ficam muito bom.

De vez em quando, tinha um ovo frito, uma omelete e até um franguinho na panela e, vez ou outra, uma carinha de porco. De boi não comia, tinha que comprar, era caro. Mas ovos, frango e porco caipira também são caros? São.

Mas não precisava comprar. No cafezal também plantava o milho. O milho era alimento para nós, para as galinhas e para os porcos. De um porquinho gordo se conseguia a banha para o preparo das refeições. É, não vou negar. Você tá certo, a gente matava outros bichos também. Um nambu, uma codorna, uma perdiz, um tatu. Eram os mais caçados. Tudo virava carne na panela. E, até se fabricava uma arapuca para capturar alguns pássaros. A vida era difícil, não era nada fácil. Perdão, natureza, mas a fome era ...)

Lembro bem de um plantio de arroz em uma terra não adequada e um ano que não foi legal de chuva. Colhemos o arroz, mas não sei o que aconteceu e não tenho explicação. Além de uma colheita fraca, produziu um arroz vermelho e nada agradável no sabor. Só tinha ele. Era ele ou barriga vazia.

Arroz vermelho. Nunca tinha visto. Foi um ano terrível. A plantação de arroz estava garantida. A esperança que arroz teria na mesa. Teve, mas aquele arroz vermelho, um vermelho desbotado, esquisito e, o pior, uma formação... Sei lá como explicar. A cor não assustava, o que assustava por ficar todo quebrado e, na panela, não conseguia um ponto adequado, meio ensopado, grudento... Oh, não dá pra explicar. Só uma coisa eu posso dizer, apesar de tudo, foi nosso alimento, nosso sustento, não ficamos de barriga vazia.

E o ano seguinte, será que seria igual? Pintava uma esperança que seria melhor, se tudo desse certo, poderia ser maravilhoso. E foi. Durante alguns anos a colheita de arroz foi com fartura. Suficiente para alimentar a nossa família. Incluindo a vovó, a tia que não falava e um tio que também

era surdo e mudo. E mais um, aparentemente normal, no entanto tinha lá suas dificuldades mentais. Olha a responsabilidade do nosso genitor, apesar de morarem em outra casa, o pão nosso de cada dia era repartido. E, esta lavoura de arroz no brejo foi a salvação que até sobrava um pouquinho para fazer um dinheirinho e comprar alguma outra coisa.

O arroz vermelho, mesmo que quisesse não teria mais. A terra foi pra outra pessoa cuidar uma lavoura diferente. Mas pintava a esperança de um ano melhor. Um brejo. Sim. O plantio de arroz seria num brejo. Terra fértil, úmida, tudo perfeito, mas foi difícil. Quase que a vaca foi pro brejo. No sentido conotativo e denotativo também. Pois é. Quando parecia garantido, quase que se perde tudo. Dá início à minha primeira grande batalha de salvamento. Pois foi isto, já estava virando hominho, tinha que começar a luta. A grande batalha para salvar a família, a lavoura, o alimento, a garantia do pão na mesa. Eu explico.

Depois do arroz vermelho, meu pai conseguiu um terreno para o plantio do arroz. Era um brejo, muito úmido. Por onde andava, era pisando na lama cheia de água. Como plantar arroz ali .era o grande desafio. Primeiro processo, a limpeza, a drenagem. Um trabalho pesado mas dependia da força dos braços e coragem. Isto meu pai e seus irmãos foram capazes. Até a mãe e eu ajudamos. Era até divertido. Fomos abrindo estradinhas (buraco mesmo, sulcos) e as águas iam em direção ao esgoto. Qual era a mágica? Não tinha mágica, nem milagre. É a ciência a favor da humanidade, ajudando a resolver os *problemas*. As águas iam seguindo o mesmo caminho e até formou um

corregozinho permitindo que peixinhos vivessem ali e, que um dia, bem depois, pude pescar. Até que a terra ficou pronta, no ponto, e a semente, a boa semente foi colocada na terra fértil. Além de fértil, com umidade suficiente para não depender da chuva. Que coisa mais linda, uma roça de arroz, um tapete verdinho. E nascia e crescia e dava gosto de ver. E as mãos não descuidavam, com carinho, maior paixão com o cuidado para crescer e fornecer um fruto delicioso.

Porém...

O brejo foi drenado no ponto para um bom plantio e uma boa colheita. Enquanto o arroz crescia, lindo, maravilhoso e perto de virar comida de vaca, de boi. Que dor no coração, que tristeza. Todo aquele sacrifício, toda luta, todo sonho, perto de ir para os ares. O sonho de barriga cheia, já imaginava barriga roncando de fome, de falta de arroz, que dor. A vaca ia para o brejo. A vaca, o boi e tudo. É isto. Seria solto no pasto que cercava o brejo o gado. Então, além do café, também se tirava leite. Primeiro foi a família da linda negra que era minha companhia em meu primeiro ano de escola, depois outra família que também ficamos amigos e o pasto onde estava o gado naquele tempo estava insuficiente para alimentar todos aqueles animais. Como assim, não fora do brejo para o plantio? Sim. E era do conhecimento também que precisava proteger aquele espaço com uma cerca. Colocamos as madeiras que ganhamos e faltou o arame. E, cadê o dinheiro para compra do arame? Nem dinheiro, nem crédito (depois explico a falta de crédito).

O arroz nasceu e crescia lindo. Virar comida de gado, não podia, até doía o coração, a barriga. Só faltava passar o arame. E a gente sabia que tinha que passar a cerca. Só não tinha o arame, o principal material. O gado estava em um campo já gasto e a alimentação ali não era suficiente, então precisava ser transferido a um outro local já reservado onde havia algo que o alimentasse de forma adequada. Não era o brejo, mas era o pasto que cercava o brejo. Três dias, sim, ganhamos três dias para colocar a cerca e proteger o arroz, impedir de a vaca ir pro brejo e saborear aquele arroz antes mesmo de crescer e produzir o arroz que tanto já estava em nosso sonho. Passou o primeiro dia, depois mais um belo dia de final de ano iluminou o segundo dia até que a noite chegou. Mais um dia e o arrozal seria alimento do gado. E o que fazer? Nada. Não tinha o dinheiro para a compra do arame. Era aquela noite, mais um dia e, depois da outra noite toda aquela beleza e o sonho *de barriga cheia* só seria sonho.

Senti a tristeza, a dor da derrota. Foi então, quando já noite, mãe agarrou-me pela mão e disse: Você já é homem, vamos comigo. Obedeci, saímos juntos pela noite escura. Procuramos por duas pessoas e, por estas duas pessoas, valeu a pena sair pela estrada em noite escura.

Após a explicação do motivo que levava aquela senhora e aquele moleque bater à porta dos senhores àquela hora da noite, ouvimos o sim. Tanto um como outro tinham pequenas quantidades, enferrujadas de arame, porém acreditavam ser o suficiente para dar o primeiro socorro evitando que a vaca fosse pro brejo. A lavoura seria salva.

Voltamos felizes para casa. Nem fui para a escola naquele terceiro dia. Fomos buscar os presentes e amarrar nos paus já atolados na terra e proteger aquela plantação maravilhosa.

E o arrozal foi salvo e a vaca não foi pro brejo. E o melhor, ainda sobrou espaço para o plantio de algo a mais. Algo que, em prazo curto já nos fornecia alimento. Um alimento dos melhores, pois nos permitia variar a nossa alimentação diária.

Durante alguns anos a colheita de arroz foi com fartura. Suficiente para alimentar a nossa família . Incluindo a vovó, a tia que não falava e um tio que também era surdo e mudo. E mais um, aparentemente normal, no entanto tinha lá suas dificuldades mentais. Olha a responsabilidade de pai, apesar de morarem em outra casa, o pão nosso de cada dia era repartido. E, esta lavoura de arroz no brejo foi a salvação que até sobrava um pouquinho para fazer um dinheirinho e comprar alguma outra coisa.

O final de ano se foi, dava início a um novo ano e começava mais um ano letivo. Mais um ano de caminhar rumo ao aprendizado, ao conhecimento. Fui separado da turma. Em minha dezena de ano de idade, estudava eu ali o último ano que se podia oferecer. Tinha que ir sozinho. E daí? Ia feliz. O melhor, se tinha melhor? É claro que tinha. Cada dia colhia uma porção daqueles alimentos (alface, couve, pepino, abobrinha...) enchia uma sacola e levava para vender na vila (a força era de mosquito, mas dava pra levar alguma coisa, cada dia escolhia algo diferente). Se vendia? Eram fresquinhos e eu chegava bem na hora do preparo do almoço. Pena que a força era pouca. Levava

pouco porque a força do moleque ali era pouca, mas o pouco, de pouco em pouco ia aumentando o pouco. E, com esse pouco, depois que terminava a aula, a caminho de retorno ao lar, passava no armazém e podia comprar alguma coisa. Comprava a farinha e o fermento para fazer o pão (na casa da minha avó havia um forno de tijolo e barro era lá que se juntava para a fabricação do pão). E que delícia de pão para comer com café que era adoçado com açúcar que também podia comprar. Ninguém mais saía de casa pela manhã com a barriga vazia, tinha pão na mesa. Chegava em casa cansado com o peso, mas feliz com as mãos sempre cheia de algumas coisas. Até para uns docinhos acabava sobrando.

Há um fato engraçado. Você lembrou que eu não conversava na escola e quer saber como eu vendia? De fato, passei um ano sem conversar na escola e era grudado na linda negra. Foi só aquele ano, depois soltei a língua. Sempre tímido, mas proseava o suficiente para os negócios. O fato engraçado foi outro.

Tudo que levava, vendia. Era pouco porque a força do moleque era pouca e ia tudo no braço. Bem que podia ter uma carriola, mas não tinha. Então, formava o pacote com o preço daquele pacote. Na época era cruzeiro. Não faço a menor ideia como explicar em real. Faz de conta que um pacote de algumas variedades fosse vendido no valor de oito reais. Ao vender para uma dona de casa, ela me deu dez reais. Eu insisti: São apenas oito. E ela reafirmou que só tinha dez. Virei e fui embora sem dar o troco. Na verdade eu não tinha troco para voltar, mas podia conversar. Que nada, saí calado. Aquilo foi me matutando na cabeça para

descobrir uma maneira de resolver. Mas já tinha feito, não tinha falado nada. Não foi golpe. No outro dia levei um outro alimento e dei a ela . Tudo resolvido.

E isto virou uma rotina.

A boa semente em terra fértil, a boa colheita, a plantação extra. A abobrinha e o pepino eram os favoritos, já começava a levar por encomenda.

Guardo na memória, o ano anterior a este, fazia eu o terceiro ano naquele grupo escolar. Pra que você se sintonize no tempo, foi o ano em que o homem pisou pela primeira vez em solo lunar. Todos comentavam a novidade. Passou até na TV. Se eu assisti? Imagina! Naquela vila era difícil assistir até os programas normais. Só ouvimos falar.

E o terceiro ano de estudo findou, mais um ano de bons conhecimentos, tanto na aprendizagem quanto ao registro de um fato histórico que foi o homem na lua.

O tempo passou, completei a dezena de anos de idade e chegou ao final de meus estudos ali na vila.

Final do primário. E não é que teve formatura? Sim, teve formatura. Com madrinha e tudo. E foi exatamente nesta formatura que vesti minha primeira calça comprida e a camisa de manga longa. Fiquei todo chick com aquela roupa. Ah, tinha sapato também. Se eu comprei com o dinheiro que juntei da venda dos legumes? Foi não. Foi presente da madrinha. Pois é, minha primeira roupa bonita de sair...

E a vida vai nos ensinando.

E era o dia. O dia de sentir bonito. Um menino bem-vestido. Um ambiente enfeitado com pessoas importantes.

Sim, as pessoas mais importantes na plateia. Família é algo de muito importante. E os formando, olha que lindo FORMANDOS em seus lugares acompanhados dos padrinhos e madrinhas. Eram meninos e meninas (padrinhos para as meninas e madrinhas para os meninos).

Nome por nome foram sendo chamados para receber o diploma.

Ao ouvir meu nome saí de “peito erguido”, braços dados com a madrinha caminhando no ritmo dos aplausos até a frente para receber o abraço da professora e o canudo com o diploma (pois é, tinha até diploma).

A família toda presente. Lindos e orgulhosos do filho que vencia uma etapa de estudos, de aprendizado.

E, lá num canto, uma irmã abraçada com uma ruivinha, toda sorridente. Uma ruivinha amiga que até fez uma arte que contarei mais à frente.

Se lembra do binóculo? Era a forma mais barata para se ter uma foto. E não é que o fotógrafo registrou o momento exato do sorriso e aplaudindo? Então, esta imagem ficou registrada.

Então, era uma das meninas que este menino gostava. Apaixonado? Não. Era só um jeito diferente de gostar.

E o tempo passou, crescemos. Amigos para sempre. É, isto mesmo. Amigos. Ela, amiga de minha irmã, seu irmão, meu amigo. Crescemos assim, meio que indiretamente nos visitando. E o tempo provou que sempre fomos bons amigos.

VI

Não era fácil continuar estudando daqueles tempos. Primeiro era a dificuldade financeira e, muitos dos responsáveis pela família ia sentindo o peso da dificuldade, as crianças deixando de serem crianças, virando mocinhos e mocinhas, o gasto aumentando aproveitavam os filhos para ajudarem no trabalho e no sustento da família, principalmente os homens, começavam cedo no trabalho. E, com isto, o sonho de continuar estudando da maioria ia ficando pelo caminho. Depois, vinha o fato de na vila não poder continuar, tinha que viajar.

Para mim, pensa que foi diferente? E o primário terminou, e agora? Estudar ou trabalhar? Era uma decisão difícil. Aquela dupla batalhava e batalha muito, o casal, nesta época, pais de quatro filhos, Eu, o primogênito, único filho homem, e mais um trio de meninas. O pensamento da maioria daquele povo era unanime: família pobre, sem dinheiro pra sobreviver, filho homem, aprendeu as letras e os números básicos já era o suficiente e, daquele momento em diante, cabo de enxada nele. E, com certeza, pensaram isto também. Mas aquele casal tinha algo de diferente, acreditava que os estudos poderiam trazer algo de melhor na vida de todos. Só o aprendizado poderia livrar as pessoas do trabalho pesado e de ganho muito pouco. A mãe sonhava em morar na cidade. Um casal, com quatro crianças e sem o conhecimento das letras era inviável, poderia ser pior. Na cidade não teria o mínimo dos recursos e, quando a fome batesse, não encontraria as frutas, os legumes, os alimentícios que se podia plantar. Era difícil, mas fome de fome, de barriga vazia a gente não ficava. E,

isto alimentou a esperança naquele casal. Via o quanto me esforçava e o quanto gostava de estudar.

E, foi um ano daqueles. Primeiro foi Paul McCartney dizendo “O sonho acabou” anunciando o fim da banda e, depois, veio o Tri mundial, a seleção brasileira conquistava a copa do mundo pela terceira vez. (Sonho desfeito e vitória)

E eu, também dizia: Será que o sonho acabou? Ou sigo o rumo da seleção: Rumo à Vitória?

E foi assim que, com isto, outra vez perdi da turma. Nova escola, novos rumos, novas aprendizagens, um grau a mais nos estudos. Terminava o primário para dar início ao ginásial. (quatro anos de primário e agora, mais quatro anos de ginásio) Ginásial, que chick. Era chick mesmo, pois não eram todos que conseguiam dar sequência aos estudos, paravam pelo primário (E mais, era preciso fazer o exame de admissão para entrar no ginásio, quem não passava, não entrava.)

Cheguei a fazer o cursinho e, a minha geração foi a primeira a dispensar o exame de admissão. Pra você vê, era brinquedo não).

Eu continuaria estudando, que orgulho! Porém, um acordo. Sempre que os trabalhos na lavoura apertasse, precisariam da minha ajuda. É claro que concordei. Era ainda pequeno, as forças eram poucas, então, o casal ainda conseguia se virar. Quando chegavam as oportunidades de algum trabalho extra e a chance de ganhar alguns trocados, assim como a lavoura de algodão que qualquer pessoa podia ajudar, aí sim, no período em que não estudava, vamos ao trabalho.

A mais velha das irmãs teve um problema de saúde e atrasou sua ida à escola e se igualando à outra que continuaram estudando juntas. Assim que concluíram sua etapa escolar ali na vila, dois anos depois de mim, já abririam a oportunidade de os estudos continuarem ali na vila mesmo.

A mais velha já começava a ajudar com pequenos trabalhos domésticos em companhia para as senhoras com um dinheirinho a mais e, parecia gostar e nem quis saber de continuar estudando. A mais jovem até começou, frequentou um bom tempo. Acho que ela gostava. Era como eu, tinha facilidade em aprender e gostava. Só que só perguntando a ela o porquê de ter abandonado. Fiquei surpreso, mas... (a outra menor também parou pelo caminho, apenas a caçulinha, tempos depois, conseguiu seguir a caminhada estudando até o chamado segundo grau)

Então, entre os irmãos, apenas eu continuei. Na vizinhança foram poucos. E eu me sentia cada vez mais orgulhoso (orgulhoso no bom sentido) ir vencendo etapa por etapa.

Na vila não tinha o ginásio até então, daí a principal dificuldade para a sequência. Ficava distante e era necessário um transporte. Nos primeiros tempos, tinha que subir em carroceria de caminhão e seguir segurando para não cair. Até em caminhão basculante tive que subir. Os meninos maiores ficavam na beira segurando e apoiando para que os meninos pequenos e as meninas conseguissem subir. Até que arrumaram um caminhão com bancos na carroceria e escada para subir. Era um sacrifício, mas era o

único caminho da aprendizagem, de buscar o conhecimento e ir graduando.

Um novo ritmo, uma nova etapa. Lembra da menina que brincava de família quando criancinha? Voltou a ser minha companhia. De casa até o ponto do “caminhão”, pois na escola já estava um ano a minha frente, mas foi por pouco tempo, pois sua família logo mudou para a vila e eu fiquei sozinho na estrada. Não tinha medo, (é verdade que tinha que sair cedo. O caminhão passava ainda escuro e, mais o trecho que tínhamos que andar para chegar antes que caminhão passasse, era mais escuro ainda) já estava mocinho, nos meus de dez para onze anos.

A linda negra? A negra havia mudado junto à sua família para outras bandas e nunca mais a vi. Uma nova família já ocupava o posto de retireiro. Tivemos a oportunidade de irmos juntos para a escola primária. Um deles fazia parte do mesmo ano que eu, mas não seguiu, ficou só na primeira etapa. Eram três garotos e duas meninas. A menorzinha até dizia ser minha namorada. Eu, nos meus dez para onze anos, ela devia estar de sete para oito. Éramos duas crianças e fingíamos ser namorados. O menino, o do meio passou a ser o meu melhor amigo. Banhar nos córregos, caçar, pescar, jogar bola até nós mocinhos que tiveram que deixar o emprego de retireiro e seguir para outras bandas.

Por falar em bola, a bola era a minha paixão. Gostava e gostava muito. Até organizamos um campinho perto de casa. O dono do sítio foi consultado e autorizou. Aos domingos juntava a turma ali para jogar. Conseguimos formar até um time e vinha moleques de longe.

Pois é, no último ano do primário, uma das meninas que ia e vinha para e dá escola, era para mim a mais linda de todas que passou a ser a paixão. Paixão de uma criança por outra criança. Se ela também gostava de mim? Apaixonada como eu, não era. Éramos amigos e brincávamos muito. Além do caminho de escola, a gente se juntava em outros momentos para brincar. Então, eram várias oportunidades para estar perto dela. Por isso, quando separei da turma, fiquei triste. Não tinha mais o caminho de ida e volta para escola para irmos juntos. Mas, ainda haviam os poucos momentos de finais de semana para brincadeiras de criança, que também durou pouco, pois logo sua família, no final de mais uma colheita de café, seguiu outro rumo. E, também apareceu a bola, que acabei de falar dela.

E a vida que segue. E eu sozinho na estrada. O dono da fazenda permitiu que eu passasse no curral, uma vez que ficava no caminho, para tomar uma caneca de leite e ir alimentado para a escola.

E eu seguia sempre com a vontade de aprender mais e mais.

Viajando pra sede do município. Dar continuidade ao sonho de continuar aprendendo mais e sempre mais. E neste novo caminho...

E não é que fiquei encantado com uma outra ruivinha? (ou era loira?) Não importa. A sala em que eu estudava era ao lado da dela. Num belo dia de prova, saímos um pouco antes do sino. Então de dentro da sala vizinha, vinha um sorriso e os lábios se mexendo e podia ler por aqueles lindos lábios entre o sorriso mais lindo perguntando à

minha pessoa algo sobre a prova. Adorei aquele gesto. Fiquei encantado.

Aquele ano se foi para dar lugar a um novo que chegava para nos colocar na mesma sala em busca sempre de aumentar os conhecimentos, buscando o aprendizado para crescer em sabedoria. Então é de ver que nos sentamos quase lado a lado? Bem pertinho daquele encanto de menina, agora já iniciando a adolescência e se tornando cada vez mais linda, mais encantadora. E eu, ah!..!. Só admirava. Pergunta se eu faltava da escola? Jamais. Ficar longe daquele encanto? Pena que ela não sabia. Mas, éramos amigos, podia ouvir sua voz, ver seu sorriso, conversar com ela... Seguimos juntos buscando o aprendizado das letras até o final do estudo oferecido por aquela casa de ensino.

Foram um quarteto de anos seguidos de um trio somando a quantidade de dias de uma semana resultando na quantidade de anos que estudamos juntos sem ter a coragem de dizer a ela que era encantado. Acredito que ela sabia, ou desconfiava que eu tinha uma quedinha por ela, foram sete anos sem coragem de relatar. Um dia criei coragem e escrevi um bilhetinho e deixei em sua carteira. Ela leu, eu vi que ela leu. Leu e gostou mas nunca me respondeu. Mas a coragem, a vergonha, a caipiragem... Ficava feliz só por estar próximo, poder falar com ela, ouvir sua voz dizendo algo a mim, ver seu sorriso. Até que um dia, um namorado. Aí então fiquei mais calado ainda, mas a amizade continuou.

Sabe, era só um encantamento, uma admiração, não passava disso. Acho que era isto. Encantava com quem ...

Acho que era carência mesmo. Virou mania encantar com quem me dava atenção.

Na verdade, era só uma admiração, uma paixão que não era paixão. Era só o jeito do meu jeito. Um jeito que nem sei que jeito é este.

E, do mais, a rotina...

Durante o período do ginásio foram poucos momentos marcantes. A lavoura de arroz continuou por mais alguns anos, porém não tinha mais o tempo para levar as verduras e legumes, pois o caminho era outro.

Porém, eu passei por um longo período difícil. Agravou em mim a bronquite. Que doencinha chata. Não podia tomar nada gelado, nem se resfriar que atacava. Que tosse mais sem graça. É claro, precisava tomar remédio. E sabe qual era o remédio? Injeção. Que injeção que doía. Eram três em cada recaída. E sabe onde aplicava? Sim, lá mesmo. Ficava todo dolorido, nem sentar direito podia. Num determinado dia, não suportava mais tanta furada, fiquei observando quando o amigo preparava a seringa e, no momento quando quase pronta, fui saindo de fininho. A que tinha o nome de valente, responsável por me carregar durante nove meses era quem me acompanhava. Quando ela percebeu, eu já ganhava alguns passos e daí, perna pra quem tem. Quem ia me alcançar? Ninguém. Se eu corri, ah se corri. Daquela injeção eu me livreii, aquela ficou perdida.

Uma coisa era certa, a visita na casa da mãe daquele casal de irmãos que só se comunicavam por sinais, não podia ficar sem. O marido da mulher que me colocou ao mundo nunca a abandonou. E, todas as vezes que ele ia visitar a sogra da minha mãe, é claro, eu ia sempre junto. E

mais, sempre tinha que dar algo para eu comer. Assim como criança, continuava o mesmo carinho.

Era gostoso passear na casa da mãe de meu pai. Tinha frutas que a gente adorava. De vez em quando ia todos os netos. A diversão estava garantida.

De vez em quando, nos finais de semana, se reuniam os netos na casa da avó. Era uma festa. E brincávamos e brincávamos. Adorava as primas. Por que só as primas? Simples, o primo era ainda pequeno e não se misturava muito.

Uma bicicleta apareceu lá um dia. Era uma moça a dona. E quis dar voltas no quintal com todos na garupa. As meninas menores se deliciaram. A prima mais velha e eu, nem saber. E o medo de cair.

E o tempo foi passando e, nos últimos tempos foi ficando cada vez mais doente e era preciso levar ao médico na cidade maior. Até que um dia, quando cheguei da escola, vieram me contar que a vó tinha falecido. Fiquei muito triste porque eu adorava a mãe do casal que só falava por sinais e aquele outro que parecia normal mas tinha lá suas dificuldades, os irmãos de meu pai.

O tio e a tia que falavam por sinais e o outro que tinha lá suas dificuldades, eram os que moravam com a avó, havia também uma outra que se comunicava por sinais que se casara. Formavam os cinco filhos que eu conhecia de minha avó. No entanto, era uma família de quinze filhos. Fico imaginado o heroísmo de minha avó. Uma família de quinze filhos, foram indo para a companhia de Deus um a um além de seu marido, deixando em sua companhia apenas cinco. Três apenas se dialogando por sinais, um

com algumas dificuldades. Lembro me dela já doente e dos cinco irmãos. Imagina o quanto de sofrimento para assistir a passagem de uma dezena de filhos seguido de seu marido em uma época de pouco recurso. Qual seria o compromisso destas dezessete pessoas nascerem todas em uma mesma família? Pense...

Além da doença da avó, outro fato marcava a história. Ouviu falar no surto de meningite meningocócica? Pois é, trazia serias consequências à população, perda de memória, surdez, perda de visão, epilepsia, paralisia, perda de membros, danos nos órgãos e danos cerebrais e, é claro, para conter, veio a vacina. Todos tomamos. E o senhor que deveria dar coragem, amoleceu, ficou com medo. Chegou perto e quis fugir, como eu fiz na injeção. Não teve jeito, outros homens o seguraram e a vacina foi aplicada. Que vergonha, um homem fugindo da vacina sendo necessário que outros homens o segurassem. Mas tomou e ficou imune. Ainda bem.

Até que mais uma etapa chegou ao fim.

VII

Então, o novo estudo já era o colegial. Se para o ginásio já eram poucos que seguiam, para o colegial era menos ainda. Os pais achavam mais interessantes colocarem no trabalho, trabalhar para ganhar dinheiro, garantir seu pão de cada dia e ajudar nas despesas da casa. Era a mentalidade. Ainda mais pela situação que passava o país. Exigia que mais pessoas trabalhassem para garantir o sustento da família. Mesmo assim, continuei na busca do aprendizado, do conhecimento, da sabedoria...

Eu, já mocinho, passei a estudar a noite. Caminhava um bom trecho sozinho e, nas noites escuras, dava medo. Mas era isto ou nada. Então, que se dane o medo e lá ia eu todos os dias.

Durante todo o período de criança e adolescência a vida foi difícil. Além das dificuldades e vontade de ter algo diferente na alimentação, no vestuário, a vontade de um refrigerante (a primeira coca cola só tomei quando já no ginásio, fizemos uma excursão e no roteiro estava a fábrica de coca cola. Ganhamos coca cola bem geladinha.). E outro fato curioso, minha primeira calça comprida só vesti na formatura do primário que foi um presente daquela que seria minha madrinha.

As dificuldades. Então. Tudo ficava mais difícil devido ao vício àquela bebida que só trazia tristeza e angústia que dominou aquele que tinha a responsabilidade de conduzir a família. Acompanhei de perto vendo o sofrimento de sua esposa e eu tentando ajudar para a vida melhorar. Aos domingos sempre o passeio na vila e o meu sofrimento na volta, pois aquele senhor achava que a bebida ia acabar e

então, vinha cambaleando no caminho de volta. Havia um trecho que tinha que atravessar o córrego por uma pinguela. Quer saber o que é pinguela? Achei que você sabia, não sei se há outro nome, mas eu a conheço como sendo uma madeira serrada ao meio e colocada à margem direita ligando à esquerda de um córrego para que as pessoas possam atravessar o pequeno riacho sem necessidade de molhar ou sujar com a lama. Que sacrifício passar com ele ali. Quase caia na água. Eu, ainda pequeno, tinha que se virar. Alguma força extra certamente me auxiliava e a gente acabava atravessando e chegando são e salvo em casa.

Com isso, as pessoas não confiavam em empréstimos, daí o motivo que não conseguimos a compra do arame para salvar o arroz que só conseguimos comprá-lo após a primeira colheita. (como o salvamos, já comentei)

Neste período, com a mudança da família da linda negra, foi permitido que deixássemos a casinha que construímos, que já estava acabadinha, para a casa que era de tijolo, com um pouco mais de conforto e com mais espaço. A família já crescia. Eu já era um mocinho, precisava de um quarto que não fosse junto às meninas, também já ficando mocinhas. E mais, neste período que tudo parecia tranquilo, como diziam, achando que a *fábrica tinha fechado*, se abre pra mais uma gravidez e chega mais uma menina e, desta vez, foi a última mesmo, a caçulinha, a rapinha do tacho. Idem às outras. As apostas para saber se era menino ou menina, outros tentando adivinhar através de suas sabedorias. Somente após o nascimento é que se saberia quem teria ganho a aposta ou acertou em suas adivinhações.

Quem não achou nada bom foram as irmãs que passaram a perder o espaço de brincar para cuidar da irmãzinha, uma vez que pai e mãe tinham que ir para o trabalho. Era fácil não, enquanto descansa carrega a pedra. E era assim.

Lembro que uma vez, este dia eu estava trabalhando na lavoura de café com os responsáveis por aquela lavoura, ouvimos ao longe o choro de uma criança. A patroa ficou de ouvido em pé, “mãe não se engana”, eu conheço este choro. Saímos nós, atento à direção de onde vinha aquele choro, estava distante, não dava pra cravar a certeza, a direção até fomos caminhando na direção certa, mais por adivinhação até ir se aproximando e encontrar aquela pequena criança ali no meio da lavoura de café. Não falei que era ela, é a menininha. Como ela veio parar aqui? Não havia mais ninguém por perto. Fomos conferir. Não é que era a caçulinha mesmo? Uma das irmãs (não vou ser fofoqueiro, não vou dizer qual delas) foi até o cafezal com uma amiga (e sabe qual era a amiga? A ruivinha da formatura) e deixou a menina para ir procurar a mãe e foi embora deixando aquela criança que ainda nem sabia falar, sua única maneira de comunicar era o choro e, foi o que ela fez, por sorte, ela chorava e continuava chorando até que chegamos até onde ela estava parada sem sair do lugar. Ainda bem que chorou e ouvimos, senão... É claro que a mãe ficou muito brava,

Uma fase que trouxe algumas alegrias. Conseguimos que nosso genitor parasse de ingerir aquela bebida que tanto mal fazia e tantas angústias causava a todos que moravam sob o mesmo teto. Foi um presente do céu.

O interessante era que, em todos os tempos, aos domingos era sagrado o passeio à vila. Tinha jogo de futebol e os dois homens da casa era apaixonado, não faltavam um domingo sem ir à vila para assistir ao jogo e, também tinha a missa para a turma do sexo feminino lá de casa.

A missa era sempre mais cedo, então era possível assistir à missa e assistir ao segundo jogo, o jogo dos titulares (era dividido entre aspirantes e titulares). Às vezes eu ia à missa, nem sempre. Precisava ir mais vezes porque é muito importante, é fundamental para nosso crescimento moral ouvir a palavra de Deus e compreender como é a vida. Mas ao jogo, eu não perdia, até que chegou o tempo para eu fazer parte do jogo. Mas, o interessante não era isto não. Quando o pai bebia, só pensava em beber aquele líquido que nem gosto de falar e, depois que parou de beber, todos os domingos, assim que entrava na vila, ia direto para o armazém e pedia um refrigerante de guaraná. É, normal, melhor que aquele outro Troço. Infelizmente eu sofria uma crise de bronquite que já relatei o quanto sofria e qualquer coisa gelada fazia mal. E o pai era companheiro: Dá uma ***, pega lá na caixa. Sim, o refrigerante vinha direto da caixa, não importava a temperatura. Um refrigerante, sim, natural, não me fazia mal. Abria aquela garrafa de guaraná, enchia nossos copos. Sabe, apesar de não estar gelado, eu o saboreava com muita alegria, um pouco porque eu gostava do guaraná, mas o melhor era que o guaraná neste tempo substituiu aquela outra bebida que tanto aborrecimento nos causava.

Lembro também que desde antes, já ajudava no trabalho braçal. Nas épocas sem tantas necessidades, eu ficava em casa dedicando aos estudos. No entanto, nas colheitas, minha ajuda era importante, não só minha, mas de todos, até das irmãs, para colher nosso produto e ganhar um dinheirinho extra ajudando a quem necessitava.

Havia também a lavoura do algodão. Dava oportunidade para todos, até crianças e para quem quisesse. Era uma maravilha, uma grande oportunidade de fabricar uma graninha e todos ganhavam e compravam coisas novas. Era a oportunidade. Se dependesse dos pais, coitados...

Eu, devido a escola, voltava sempre mais cedo. Assim que voltavam das lavouras, havia uma refeição prontinha, preparada por mim para mim e para todos.

Pois, é. Aprendi a cozinhar. Então, menino, cada um tinha que dar seus pulos. Tinha moleza, não. Todo mundo pulava cedo, ainda escuro e, cada um tinha sua tarefa. Alguém enchia as moringas de água, outro levava água e comida aos porcos e aves. E a genitora, era a dona do fogão a lenha, acender e preparar o banquete. De madrugada, o fogão já tinha fogo e as panelas esparramadas por sobre a chapa. Depois de pronto, ela mesma enchia as vasilhas daquele maravilhoso alimento com arroz, feijão e alguma mistura. (as misturas variavam: ovo frito ou cozido, abobrinha, mandioca, mamão afogado, jiló, berinjela..., só produtos que podiam ser colhidos ali mesmo no quintal.) (Tinha uma vantagem, sabia que era natural). Era para o almoço e merenda. Pois é, pois é. Por volta das nove horas, se ajuntavam debaixo de alguma sombra e ali se dividiam a

refeição. Nem sempre tinha vasilha pra todos. Então alguém ficava esperando um comer, depois pegava o que sobrava. E tinha que sobrar também para a merenda que era por volta do meio dia. Isto para o horário de trabalho na roça.

Por motivo escolar, eu tinha que trabalhar e estudar (quando tinha pouco serviço eu nem ia). A janta era minha responsabilidade.

O feijão era feito em grande quantidade para a semana. Então para mim sobrava esquentar o feijão, e fazer o arroz. Olha que até fazia um arroz gostoso!!! A mistura? Ah, sim, era o que sobrava do almoço. Mãe já fazia sobrando. Só quando era ovo que fazia na hora. O ovo também aprendi fritar e fazer omelete. Ficava bom. Depois de pronto, é claro, era encher a barriga.

Eu, de barriga cheia, seguia ao ponto, agora já era um ônibus e seguia meu caminho de aprender. Só voltava já passando da meia noite. Se eu não tinha medo de andar no escuro perto da meia noite? É claro que eu tinha. Se tinha outro jeito? Que jeito... O jeito era encarar o medo. O que mais me assustava era descer sozinho passando da meia noite. E se ouvia cada história. Nem quero lembrar.

Fazer o quê, estufar o peito, encher de coragem (não sei que coragem) e seguir. Ainda perguntavam: É homem ou saco de batata? Tinha que ser homem.

E, por falar nisso você já ouviu falar em Mãe de ouro? Uns acreditam que ela existe, outros não. Se ela existe, eu a vi bem de perto. E vi mesmo, aquilo só podia ser ela, eu a vi bem de perto. Não dava mais que a metade de um quarteirão. Vi. Um clarão enorme. No caminho, passava

próximo ao curral. Do lado do curral era a tuia e o terreirão para secar e guardar o produto da colheita que garantia o sustento principal de nossas finanças. E, do lado, uma porteira por onde eu tinha que passar.

Menino, assim que passei a porteira, do meu lado esquerdo, em cima de uma das porteiras do curral, aquela bola de fogo, um clarão de pelo menos do tamanho de um pé de café dos maiores.

Ali pertinho de mim. O que fazer!!! Se corri? Ah, desta vez não corri. Pra correr tinha que dar as costas ao clarão. E agora, menino!!!

Se eu cheguei perto pra ver direito? Você está louco? Mexer com quem tá queto!! Continuei andando, sem tirar o olho daquela coisa. Até que ganhei uma certa distância. E, sempre de olho. De repente, cadê o clarão. Ficou tudo escuro. Aí, menino, pernas pra quem tem. Por sorte já estava próximo à minha humildezinha casinha. Cheguei correndo. Acordei todos. Então. Então é isto daí.

E era assim. Tinha que enfrentar o medo.

E a rotina foi esta até o final do colegial.

Com a ruivinha (ou loirinha) simplesmente amiga. Só amizade (caipira de fato) mas foi bom. Não daria em nada mesmo. Hoje sei que ela tem lembranças de mim e já tivemos oportunidades de nos encontrar (no acaso, é claro, e tudo tranquilo) e até me descobriu para um convite em reunião de toda turma (pena que não pude ir)

Exceto um fato. Minha irmã fugiu. É, ainda tinha disso. Na verdade, fugiu quando eu ainda estava estudando o último ano antes do colegial. E aí, menino, tinha que casar. “Filha minha não mora com homem sem casar”, diz a voz

do todo poderoso. Foi um auê danado, mas tudo acabou bem e foram morar por outras bandas.

Uma irmã daquele que seria meu cunhado, assim que nasceu o primeiro sobrinho, aí eu já estudava se preparando para uma eventual faculdade, me convidava para irmos visitar, para mim, a minha irmã e, para ela, seu pai, mãe e irmãos. Por ter duas crianças pequenas, precisava de ajuda na viagem e, de vez em quando, posava eu na cidade da escola para em outro dia bem cedo sair de ônibus em visita às famílias. Era uma delícia.

E a rotina seguiu até que...

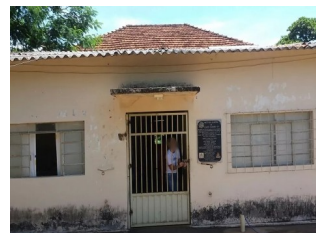
Dê-me um tempinho. Olha o que eu descobri na internet, fotos da entrada da vila por onde eu chegava, a igreja onde assistíamos a missa aos domingos. E a escola em que estudei até o 4º ano.



Entrada da vila



A praça



A escola

A escola. Eu lembro direitinho, a sala da janela aberta foi onde estudei meu segundo ano. Era pertinho para sair, mas não podíamos sair por ali não, tinha que descer até o galpão onde era servido o alimento na hora do recreio.

Era um prédio único. Lá dentro, as quatro salas de aula. Na janela aberta, como eu já disse, o segundo ano e o primeiro ao fundo. Frente a frente com o segundo, na janela fechada, o terceiro e o quarto ano ao fundo. Diretoria e banheiro dos professores, bem dito, dos professores também tinha ali dentro. Os alunos tinham que descer as

escadas que davam para o galpão e seguir até a privada. A privada, pois é, era uma casinha, até bem feita, mas sem o vaso sanitário. Acreditam nisso? Então. Havia um buraco fundo coberto com tábuas e na tábua um quadradinho cortado. Tinha que ser bom de mira, senão...

Deixa pra lá...

Gente, lembro de cada detalhe. A entrada da cidade era estrada de terra. Depois destas árvores havia uma serralheria à direita e uma máquina que servia para tirar as cascas do arroz deixando-o no jeitinho de ir para a panela (até o arroz vermelho foi limpo nessa máquina) e, para levar aquele arroz e todos os outros para serem limpos, deixar no ponto de cozinhar, tinha que ir no lombo de um cavalo. E o problema, é que nosso cavalo, na época, era uma bondade, mas tinha um medo de carro. Tudo ia bem, mas quando apontava um veículo qualquer, a qualquer barulho de um automóvel, tinha que descer e segura pela rédea até que o ronco do motor se distanciasse . Mais ou menos uns cem metros chegávamos na praça. Então, cruzava a frente da igreja até chegar em outra esquina com uma outra máquina beneficiadora de arroz, que também podíamos levar o nosso arroz para limpar. E, depois desta máquina era caminhar mais um quarteirão e chegar à escola. (só um segredinho, lembra da menina que tive que sentar com ela no início por que estava conversando muito? Então, era filha do dono desta máquina de beneficiar arroz). A frente é igualzinha quando eu lá estudava. Só mudou o nome. Que emoção!!! Que Lembrança maravilhosa.

Quanta lembrança...Ah, e do lado de cá da igreja, a estradinha que ia para o campo. As estradinhas à frente da

igreja também eram de terra coberta com pedregulhos. Do lado, o salão, local de festa. Olha, você nem imagina quanta gente se juntava neste espaço. Uma vila tão pequena com tanta gente. Sabe por quê? Os jovens mudavam para estudar ou trabalhar na cidade e, nas festas vinham todos. Como era divertido. Cada família tinha seu dia de levar a prenda para o leilão. O casal se juntava e caprichava num frango assado, fazia um embrulho no capricho. A gente nem entrava no salão, lá dentro só quem tinha dinheiro para arrematar as prendas no leilão, a gente ficava de fora, só com água na boca, mas do lado de fora também era gostoso, a gente se divertia nas barraquinhas e no correio elegante. Como era gostoso enviar um correio elegante e ficar esperando a resposta. Dava até namoro. É verdade. Os mais tímidos aproveitavam a oportunidade e mandavam as diretas, se fossem correspondidos em suas mensagens, não perdia a chance de se aproximar. Mas o dono da prenda era curioso, ficava por ali só pra ver quem arrematava seu frango e qual seria o valor. Se fosse bem vendido, normalmente era, voltava feliz, “nosso frango foi *fulano* que comprou por ***”, todo satisfeito. Tempinho difícil, mas suas lutas nos transformaram em cidadãos de bens.

E mais... A segunda escola

Esta é onde estudei o ginásial e colegial. Eram duas alas semelhantes a esta. Minha quinta série foi na ala de baixo. Por este ângulo não é possível ver.

São lembranças que ficaram no tempo, porém guardado na memória. ... E, o colegial chegou ao fim.



Olha eu a, em um dia que fui a uma festa de aniversário bem ao lado.

Nós, homens, no ato da matrícula, ganhávamos um bolso com a sigla **GEAF** para bordar e pregar na camisa de uniforme. E tinha que usar. E as mulheres, é claro, saia colegial. Era bonito o uniforme feminino. As camisas e blusas eram brancas e as calças e saias, azuis.

No ano do Tri da seleção canarinho, Johon Lennon disse “The dream is over” (O sonho acabou). E desta vez, o meu também.

Antes, ainda lembro algo. Cinema. Nunca tinha ido, era a primeira vez. Uma excursão à cidade grande vizinha, visitar a faculdade. Depois da visita, cinema. E cadê o dinheiro? Por sorte, há sempre amigos bondosos. Um amigo de origem do outro lado da terra me presenteou com a entrada. Não fosse, ficaria na praça esperando o final do filme.

Ao final do colegial, se preparar para a faculdade. Este era o sonho. O sonho foi interrompido. Tudo seria pago. Não tinha grana. Então, fazer o quê, encarar a vida, fazer o que todos faziam, trabalhar, trabalhar, trabalhar. E assim, eu fiquei ali na região por mais um ano. Por sorte foi um ano de boa colheita e permitiu a construção de uma casinha na cidade. Sim, com o fim do vício que destruía o viciado e a todos da família, a vida melhorou e já tínhamos conseguido um terreno. Tudo era com muita luta, mas passo a passo as coisas iam melhorando. Eu, já na idade de organizar a vida,

ter os meus documentos, ser maior de idade e ter que partir para a luta. No final do ano, mudança para a cidade. Nova luta, nova história.

VIII

Maior de idade, ser livre. Podia fazer o que bem entendesse. Quanto engano. Aí que a responsabilidade aumenta.

O meu sonho de estudar, acabou mesmo em sonho. Foi a minha vez de ficar pelo caminho. A década do tri da seleção canarinho já caminhava aos últimos anos, o Brasil ainda vivia seus terrores do militarismo, mesmo assim foi chegando a influência hippie defendendo mudanças no comportamento social e pelo rompimento com as formas tradicionais de organizar a vida. Criticava o sistema capitalista e defendia a vida em igualdade e paz entre as pessoas.

Com o fim do sonho da continuidade dos estudos em busca de um grau superior, se profissionalizando, para então partir em busca de uma remuneração que pudesse dar um pouquinho só de conforto àquele grupo de pessoas que lutam em busca do pão de cada dia, o jeito era ganhar a vida do jeito que Deus quisesse. Do jeito que era permitido dentro daquilo que ali era oferecido. Encarar o trabalho pesado. Trabalho tentando a conquista na terra, sol queimando a nuca e grana sempre pequena. Ninguém podia dispor de uma grana maior, era o que valia um dia de luta lutando com a terra fazendo-a produzir o que era possível produzir e dali tirar o sustento e, sempre que pudesse, buscar uns trocadinhos ajudando a quem necessitasse de ajuda. O serviço era pouco, então sobrava mais tempo para ir em busca de um dinheirinho com quem tinha, por exemplo, um arroz para colher. O mais divertido era a lavoura de algodão. Vinha gente de todos os lados porque,

quando chegava ao ponto da colheita, não podia demorar. Até que era divertido e divertido era encarar a fila no final de semana com as anotações da quantidade que conseguira apanhar, para então receber o pagamento. Todo primeiro dia da semana, após os “seven days”, tomando aquele sol, mas era uma boa oportunidade de ganhar uns trocados. Era pouco. Fazer o que? Era o que tinha. Encarar sem reclamar. Não houve movimento hippie que ajudasse.

Um ano se passou nesta vida. Nesta vida, sofrida. E o estudo? Não fazia a menor diferença. Até que... Uma casinha na cidade. Lembra que as coisas começavam a melhorar com a ausência daquela água que passarinho não bebe naquele Lar, Então, a casinha, pequena, dividida, tipo um quadrado repartido em quatro partes. Pensei, pensei! É pra lá que vou.

Então, houve a oportunidade para adquirir o terreno na cidade. Foi em alguns anos atrás. Um ano bom e bem produtivo rendendo uma quantidade daquele produto que foi o suficiente para a aquisição daquele espaço ao qual veio a construção daquele espaço para nos abrigar que se deu graças a um outro bom ano de produção. Foi difícil, pois o responsável pela força, perdia as forças porque o vício estava cada vez mais agressivo e o deixou sem as forças. Eu, o Menino ainda adolescente e a colheita toda ensacada e esparramada por entre as belas plantas que forneciam o produto que tomamos pela manhã, ao qual a coragem e a valentia da patroa e a minha força de mosquito, carregar todo aquela produção esparramada a ser conduzida ao ponto onde um veículo pudesse chegar para levar até o terreiro para a divisão do produto (lembra da mãe de ouro?

Então, era pra este terreiro e esta tuia que ia nosso valoroso produto.) Mãe baixinha, subia em um montinho de terra, íamos nos ajeitando, eu entrando por baixo daquele peso, aproximando mais ou menos o equivalente a metade de um cento de peso. Conseguimos, valeu um dinheiro, valeu um terreno, e neste terreno, anos depois em outra boa safra, uma casinha.

Era os últimos dias da década em que este menino finalizava seus estudos e caminhava rumo a uma nova década que marcava uma reviravolta na política, caminhava para o fim da ditadura militar que veio acontecer no final da década em sequência e, foi também uma reviravolta na história deste menino. A vila ficou para trás, o trabalho nas produções agrícolas não ficou esquecido porque ali deixou quem os criou continuando, brigando e tirando o sustento naquelas terras, mas o menino cresceu, ganhou asas e voou para outras bandas. Começa uma nova história. Uma história, também com muitas flores, porém com muitos espinhos a ser ultrapassados.

Acompanhado de uma dupla de irmãs, seguimos com a cara e a coragem, deixando na lavoura os genitores e a caçulinha. Até então tudo fora difícil, não seria desta vez que facilitaria. Logo o trabalho foi aparecendo e a vida aos poucos ia se organizando. Acostumado com os serviços da labuta com a terra, tudo ali era moleza e, sempre que a oportunidade de usar os estudos no trabalho, era pra lá que eu ia. Moleza, eu disse? Sim, moleza para encarar o tipo de trabalho, porém tinha que sobreviver sem a ajuda de tudo que buscávamos na terra. Ali tudo era na grana e, era exatamente a grana que estava chegando muito devagar. O

pior, em meu primeiro emprego, se aproximava o meu primeiro pagamento. Que felicidade eu estava, ia receber uma quantia de um mês de trabalho. Sonhava com aquele dinheiro. Claro, ia direto ao mercado, comprar o pão de cada dia e, infelizmente, o proprietário daquele estabelecimento resolve deixar este mundo e seguir para outro plano. E a grana? Foi preciso esperar mais um tempo para que ela começasse a entrar naquela humilde casinha. Não desistimos, seguimos...

Apesar das dificuldades, tinha o aprendizado, o reconhecimento de tudo que nossos pais passavam no tempo de nós crianças, a valorização da vida e crescimento como pessoa. Tinha que virar gente e gente cheia de responsabilidade.

E a vida seguia e foi se ajeitando, se organizando, até que tomava um rumo...

Junto a nós veio uma prima em busca dos sonhos de morar, trabalhar e ganhar dinheiro na cidade e, é claro, encarou as mesmas dificuldades, dividindo com a gente as mesmas angústias, sentindo que o sonho era complicado para tornar realidade, até que...

Então, a casinha na cidade (cozinha, sala, um par de quartos pequenos) estava bem dividida para nós. Tudo sob controle. Pra nós ali estava tudo certo. Então... Chegou mais. Chegou a genitora da prima com um casal de filhos. Aí o trem ficou apertado, mas demos um jeito e tudo se ajeitou e cada um se ajeitou num trabalho e a tia cuidando. Até as primeiras granas começarem entrar, foi um sufoco. Foi um período de luta, às vezes dava vontade de abandonar e voltar ao mato, mas o sonho e a vontade de vencer foi

vencendo. Todos se esforçando, a grana foi chegando, devagar, mas foi aparecendo. E fomos superando. Até que...

É, uma das irmãs resolveu se juntar. Pois é, se juntou. Se na casinha era apertado, onde ela foi, mais complicado ainda.

Aos poucos fomos se ajeitando. Era pequeno o salário, mas já era do conhecimento que chegava na data marcada..

Tudo foi se organizando. Tudo muito simples, graninha contada, bem dividida, mas dava para o pão nosso de cada dia. Não dormia de barriga vazia. Às vezes passava vontade lá no mercado, porém sendo pesado para o bolso, ficava lá na prateleira. E a vida foi ganhando sentido, fomos descobrindo que era possível sobreviver, viver e ir ganhando a vida honestamente. E, com isso...

Então, a tia seguiu com suas crias para uma outra moradia humildezinha de acordo com o peso do ganho, e foram viver os sonhos de continuar vivendo e sobrevivendo na cidade.

Então, agora voltou ao normal de como chegamos na cidade, com uma mudança, a companhia de um cunhado. Que bom, mais uma pessoa para ajudar nas despesas da casa. Sabe, até que foi um período tranquilo. Todos trabalhamos, amigos e companheiros, nada faltava, dentro do permitido, é claro.

Aos domingos íamos juntos ao armazém, bem ali pertinho comprar o macarrão (aos domingos não podia faltar a macarronada) até tomávamos algumas bebidas. Algumas vezes, tomava um pouco mais e ao voltar para casa, o cunhado ia para debaixo da cama. Dizia que a casa

estava rodando. Ficava ali um pouco, logo a zonzeira passava, a macarronada ia para a mesa e era um verdadeiro banquete.

Depois de pouco mais de um ano ali na cidade, não sei porque, mas aceitei um serviço de cobrador de ônibus. A viagem era de ida em um dia e volta em outro, percorrendo o território de três estados. Saindo das terras paulistas, percorrendo um trecho mineiro e avançando no chão goiano e, no dia seguinte, o caminho de volta. Mineiro, povo bom de prosa. (Nesse período, nascia uma garotinha que passou a tomar leite que vinha da vaquinha criada em chão mineiro.) Foi divertido e o caminho para a grande mudança, a transformação, o início de uma nova história. E a nova história então começava a ser construída.

Deixei tudo, a família na roça, as irmãs na cidade e a namorada que a pouco conquistara. Sim, já estava namorando e até ela eu a deixei, quer dizer, só distanciei. Pulei o *corquinho*, na verdade, um rio, o rio da divisa, atravessei o estado. Deixei a terra paulista e fui habitar em chão mineiro. Agora sim, tudo que havia aprendido, passava a ter valor, era com o aprendizado de meus estudos que garantiriam o sucesso da nova profissão. Porque estudei, aprendi, agora eu colocaria todo o conhecimento para funcionar. Sabe o que fui fazer? Fui ser Professor. Professor só com o colegial?

Calma que eu explico.

Sendo cobrador, nas idas e vindas, indo e vindo, entrando e saindo tantas eram as pessoas, tantos eram os passageiros que seguiam juntos pela estrada afora. Era gente que ia, que vinha, que entrava e que descia, que

falava, que calava, que se enamorava, *inamorava*, que aceitava, não aceitava, Aconteciam coisas, histórias que se ouvia, causos do bom mineiro e da mineira que fala, que ri. Eram gente pouca num dia, lotado em outro. Tinha até jovenzinha que parava o veículo para se declarar ao responsável pelo controle de entradas e saídas cobrando do cobrador uma resposta ao seu sentimento (este dia foi até engraçado, uma super lotação, este Menino exprimido na porta quando de repente, a jovem pede com a mão que parasse o veículo ao qual o motorista obedeceu acreditando ser mais um passageiro e, ao abrir a porta, disse ao menino ali no único cantinho que sobrava na porta: Você vai namorar comigo? Pedi desculpas por que não dava pra conversar e o veículo precisa rodar.

Entre estes tantos, levava pessoas para passeios, para trabalhos e, até professores. Era uma estrada longa, por terra, trecho demorado de uma cidadezinha até a chegada em chão goiano. Mineiros bons de papo, curiosos e a amizade foi surgindo e conversa vai, conversa vem, os professores então ficaram sabendo que eu era um segundo grau completo, assim era chamado quem conseguia seus estudos até o colegial e continua sendo assim nos dias de hoje.

Faltavam pessoas que conheciam as letras, os verbos, os números de uma maneira mais avançada. O número das estações de ano era o número de anos de escola que muitos se aventuravam por aquelas fazendas com o título de professor. Imagina, ter concluído apenas o primário e já ser um professor. Com o conhecimento de um colegial por aquelas bandas, poderia ser um professor de alto gabarito,

de um estudado podendo levar conhecimentos muito maiores e o salário seria de um profissional das letras. Assim começou o diálogo para que eu deixasse de ser cobrador para ser professor nas longínquas terras habitadas por pessoas que necessitavam aprender as letras e os números. Deixa eu explicar, era um município grande e terras distantes dos centros escolares, era impossível que as crias das famílias que habitavam essas regiões pudessem frequentar uma escola na cidade, então criavam as escolas ali mesmo nas fazendas eram contratados professores para ensinar aqueles meninos e meninas com sonhos de aprender as letras e os números. Por falta de profissionais com os conhecimentos adequados, contratavam quem estavam dispostos a levar um pouco dos sonhos dos pais em ver seus amados filhos aprendendo as letrinhas e tomando conhecimento das leituras, algo que poucos ali tinham, por isso era comum pessoas que haviam conseguido estudar até o chamado ginásio e, até com apenas o primário. Imagina só.

E, nas idas e vindas, até que num determinado dia, viajavam um grupo desses professores a caminho da cidade a um encontro entre eles com a equipe que dirigiam a educação daquele enorme município e avisaram que falaria de mim à direção daquele ensino e, na volta, voltariam no mesmo veículo que eu prestava o serviço. E, no dia seguinte, na saída da cidade, voltavam o mesmo grupo e juntos, assim que a estrada foi ficando mais calma, os viajantes foram chegando em seus destinos e o veículo, os que subiram começavam a descer e, foi se tornando com um número pequeno de pessoas e foi a oportunidade

esperada por eles para me avisarem que eu estava sendo esperado em meu retorno para seguir até o local onde ficavam a equipe que dirigiam e comandavam todo aquele processo e responsabilidade de encontrar pessoas para levar o conhecimento a quem se encontravam em idade de aprender e esperavam quem os pudessem ensinar nas que chamavam escolas municipais que se localizavam distantes dos locais preparados para o ensino na cidade.

Estudei um plano, na viagem de volta, parei na cidade mineira e segui até o local onde aguardavam a minha presença. A conversa foi pequena e o dia de apresentação já foi marcado e um outro veículo me levaria até o local que já me esperavam e precisavam dos meus conhecimentos. E, então, ao regressar para casa fui logo contar a novidade, pois já estava em despedida do habitat que me acolhera, uma vez que, a partir daquele dia eu passaria de morador a uma visita.

Foi tudo muito rápido, mudança repentina. O município era muito grande e haviam escolas por todos os lados pelas fazendas do município que mais parecia um estado, terras onde se via pouco em plantação agrícola, mas muito em criação de gado..

No dia e hora marcado, lá estava eu pronto para seguir viagem rumo à distante terra onde havia crianças esperando por alguém que os ensinassem. A família na roça, na cidade, a namorada, tudo pego de surpresa, mas aceitei o desafio e lá fui eu. Pensa que foi fácil? Ali é o lugar que podia se dizer onde o filho chora e não mama. Longe de tudo, sem comunicação, distante da família e da namorada. Que

tristeza! Consegui porque fui teimoso, corajoso e com vontade de vencer.

Mil novecentos e oitenta e um, caminhava para o fim. Era o mês da primavera. Eu, com meus vinte anos de vida, quase um adolescente ainda se aventurando pelas longínquas terras distantes dos espaços povoados. O recomeço de uma nova história. Com fé e coragem, parti para contar uma nova história.

IX

A namorada. A namorada que ficou trazia saudade e valia o sacrifício para pegar a estrada para uma viagem louca, quase um dia rodando, uma noite com a família da cidade e algumas horas ao lado de quem motivava a esta viagem louca, e mais um dia rodando de volta.

Parecia uma loucura, contando você nem vai acreditar. A escola. Meu Deus, que luxo (?!?!?) A sala de aula, só tinha a sala, mais nada. Uma luxuosa sala parecida com a casinha que eu morava quando criança. A diferença era que não havia o barro por fora e nem o saibro por dentro.

Mas era bela, confortável, bem ventilada. Era assim, a chuva e o vento que vinham pelos fundos não entrava nela não, do lado esquerdo e direito também eram protegidos. Pela frente. Ah! Pela frente entrava tudo, chuva, vento, poeira e até bichinhos rasteiro e voadores. É isto. Não tinha parede. Um luxo, não acha? Uma bela sala de aula formada por três paredes.

Você sabe quantos lados formam um quadrado? A mesma quantidade de série para ensinar ao mesmo tempo. Tudo junto e misturado e misturado o que ensinava se virava.

Isto mesmo. Todos juntos. Os que procuravam aprender as primeiras letras, as primeiras palavras e os primeiros números, dando início à primeira leitura. Também estavam os já alfabetizados com os livros do segundo e terceiro ano. Até do quarto ano. Eu era o professor para ensinar quatro turmas ao mesmo tempo em uma única sala de três paredes.

Olhe e pense! Como? Não sei, mas consegui.

Final de ano! Ano seguinte! Lá estava eu de novo pronto para encontrar e ensinar um novo grupo de crianças do outro lado do município. Sorte, um pouquinho menos difícil. Na parte da manhã, duas turmas e na parte da tarde era assim também. Tinha que dar os pulos para atender a todos.

O que era bom em tudo isto era que a moradia era de graça, sem ter que se preocupar quanto custaria tudo aquilo. Tudo oferecido pelo dono do sítio responsável por aquele local de educação. Os honorários ficavam guardadinhos para outros assuntos. (Até sobrou pra ajudar a construir mais uma casinha no terreno da cidade, ficando assim duas casas em um mesmo terreno. Acredita que as duas casas ainda estão lá? É pra lá que vou quando visito a cidade das famílias.)

Menos mal. Uma tragédia. Que isso fala menos-mal e completa com tragédia? Infelizmente aconteceu. Num final de semana, três dos alunos, um deles da casa em que eu hospedava, saíram rumo a uma represa e voltaram carregados, sem vida, que triste. Sim, morreram os três afogados. Que tristeza. Fiquei sem saber como ficaria, afinal, o responsável pela escola perdia seu filho, meu aluno. Será que continuaria? Fez questão: “Eu prometi, eu cumpro, até o final do ano você fica aqui, será parte da nossa família”. É a vida, que se pode fazer? E a vida continua.

Até que aquele ano chegou ao seu final e o novo chegou. Cruzei mais uma vez o município.

Quando cheguei, até assustei. Uma escola arrumadinha. Apenas um salão, mas era uma escola bem-feita, construída

para crianças e adolescentes se sentirem à vontade confortavelmente. Que gracinha. A beleza, o conforto parou aí. Lá, no momento do ensino, era idêntico à outra. Dois pra lá, dois pra cá. Duas pra manhã e duas pra tarde. Vamos que vamos. Se era pra ser assim, assim que seria.

Tudo seguia seu curso. A família feliz, as crianças aprendendo, que maravilha! Apesar de não ter um diploma específico, mas era quase e pra eles era como se fosse, um segundo grau completo era tudo que eles acreditavam em conteúdos para enriquecer de conhecimentos seus meninos. E, não é que fui pegando gosto e jeito pela coisa?

Pouco mais de um mês estacionou um carro próximo ao prédio em que discutíamos as letras e os números. Dele, desceu um senhor de boa aparência, foi até a porta, educadamente, pediu licença, precisava falar. “Falo em nome do Senhor Prefeito” (fiquei assustado, o que acontecia, as crianças mais assustadas ainda), “sou vereador do município e represento, neste momento, o prefeito que pede sua presença na cidade ainda hoje e estou aqui para conduzi-lo, em meu veículo, até sua presença.”

Se era ordem do Senhor Prefeito, eu só tinha uma coisa a fazer: Obedecer.

Era preciso orientar os alunos que orientassem seus pais do acontecido, pois teriam alguns dias de férias forçadas. Disse tchau e seguimos até a cidade. Na verdade não fomos direto à cidade, primeiro passamos pelo distrito mais próximo. Aquele Senhor me levou até a porta de uma escola dizendo que ali me falaria sobre o assunto que fez com que ele deslocasse até o local onde eu estava para

trazer-me até ali. Só depois então eu poderia seguir até a cidade.

Fui muito bem recebido pelas pessoas que já me esperavam esperando um sim de minha parte, pois havia sido indicado pela diretora das escolas municipais das fazendas e era muito bem recomendado.

Ali não havia prefeito nenhum à minha espera, mas havia um diretor de uma escola que acabava de deixar de ser responsabilidade do município e passava as mãos do estado, de municipal a estadual naquele distrito era uma vitória para aquela população e eu acabava de ser indicado para fazer parte desta equipe que se iniciava.

A casa de educação era grande com várias salas. Em cada sala não eram quatro, nem duas, eram três turmas. Diferente das escolas nas fazendas e, mais diferente ainda, três turmas mas divididas durante o dia, uma turma em cada turno, manhã, tarde e noite, pois em cada sala só podia estudar apenas uma turma em cada turno. Cada sala era movimentada pela manhã, tarde e noite. Crianças desde a meia dúzia de anos de idade, até já mocinhos. Eu nem sabia que havia na época. O aprendizado começava com o chamado pré, seguia com o fundamental de primeira e segunda etapa, os antigos primários e ginásio. Após o *prezinho*, como diziam, iam direto ao primeiro ano e ali podiam frequentar até a chamada oitava série. E, não demorou para dar continuidade fazendo com que cada um já podia deixar ali graduado em segundo grau e se quisesse, iniciar em uma faculdade de seus sonhos.

O convite para fazer parte daquele grupo de pessoas prontas a levar o conhecimento de etapa por etapa. Uma

mudança total. Eu, que trabalhei com quatro turmas juntos, depois dividida em pares, iria para o ginásio, ficando apenas cinquenta minutos em cada sala, saindo de uma, entrando em outra desde a quinta até a oitava série. Um desafio e tanto. Eu que só falava da história do município, passaria falar da história do Brasil e do Mundo. Era mais complicado, mas eu não fugia dos desafios de aprender. Só um detalhe trazia a minha preocupação, a grana passava a ser dividida com as despesas em qualquer lugar que me aceitasse como morador.

Cálculo feito. Dava. Era possível administrar.

Pensei! Pensei! Estava namorando com sonhos de uma nova família. Morar nas fazendas seria mais complicado. Porém ali precisava de diploma, ser habilitado com o título de professor

Para aquele ano o convite estava feito e garantido, no entanto para os anos seguintes, o papel carimbado que dizia da formação de magistério seria necessário e eu ainda não tinha.

Um detalhe trazia a salvação. Lembra eu dizer que não perdia oportunidades para se qualificar cada vez mais? Ao fazer parte da equipe de profissionais da prefeitura, também ganhei a oportunidade de poder estudar até a conquista do carimbo de magistério. E isto eu contava com meu esforço e dependia só de mim conquistá-lo até o final daquele ano. Então... Ainda contei com uma mão amiga. Não foi caridade, foi trabalho com amor, pronta para servir e, com dedicação, auxiliar para chegar ao carimbo ao qual eu necessitava. A menina era uma santa. (O menino, ah, este eu não podia esquecer, semelhante ao meu. Basta tirar a

primeira letra, levar para o final a acrescentar a vogal masculina. No início que ficou, trocar o elefante pela igreja.

Finalizei o curso administrado por esta dupla, conquistei o diploma que fez a transformação na minha profissão garantindo minha cadeira para, não mais só aprender, também ensinar.

Pensei de novo. Vamos correr o risco.

Então rumo à cidade. Não encontrei com o prefeito, não era mais parte do prefeito, passava a ser parte do governador. Também não tinha governador, mas tinha sua representante. E o meu nome passava então a constar na lista da educação do estado.

Então, é claro que voei, ou melhor, fui de ônibus mesmo, para a cidade onde a pouco fiz moradia e, que ali encontrava parte da família e a namorada. Fui ligeiro contar a novidade. Fui sorrindo, meio preocupado, pois seria uma mudança. No trabalho, é claro que seria melhor, porém o financeiro é que sofreria uma queda. Pra quem aprendera a conviver com pouco, seria mais um pouco que de pouco em pouco ia se organizando aos poucos.

A grande preocupação era exatamente a moradia. As despesas no hotel, que antes não havia, agora era de minha inteira responsabilidade. O tempo voou rápido e o período daquele semestre chegava ao fim para alguns dias de as primeiras férias do meio do ano, descanso na cidade, agora só de parte da família, da namorada, mas sobraria tempo para visita ao lugar que me viu nascer e crescer, e até ficar alguns dias. Na volta ao trabalho de ensinar combinamos a compra de cama, mesa e fogão e teria um cantinho para

uma dupla de amigos e eu. E, aquele resto de ano foi uma maravilha ali naquele cantinho, o ano seguinte tudo continuaria igual. Primeiro, a minha preocupação se valeria a pena eu ficar, valeu e eu fiquei (explicarei a seguir), depois, só ficamos em dois, um dos menino desistiu e, mais um tempo, o outro decidiu formar sua família e acabei sozinho. No entanto, foi por poucos dias. Mais um companheiro se juntou a mim e formamos até uma boa dupla em tudo (mais a frente eu relato à sociedade que formamos)

Fui a luta, trabalhando e estudando. Na hora certa, o certificado de garantia com o carimbo que precisava estava garantido, foi conquistado.

Trabalhando, estudando, administrando a grana e o ano se foi. E um novo ano convidava seus companheiros de jornada a levar o conhecimento a quem ali procurasse. Foi tenso. Para valer a pena precisava que duas turmas fossem de minha responsabilidade.

Dia e hora marcado, estava eu lá apreensivo, observando cada detalhe. Ufa! Deu tudo certo, do jeito que era bom e necessário para que eu pudesse continuar.

X

Agora sim, estava feliz, meus estudos valera a pena. O sacrifício de lutar por mais um diploma, garantia exercer a profissão. De uma escola municipal de fazenda, passava a fazer parte de uma escola estadual no distrito. E o ano transcorreu divinamente. Para ficar ainda mais completo, um concurso foi aberto.

Desde pequeno sempre quis aprender e sempre fui querendo aprender mais. Chegava o primeiro concurso, para mim, é claro, na educação a qual eu fazia parte e não só fazia parte como me tornei efetivo, garantia de uma parceria até quando eu assim desejasse ou até o dia em que eu viesse a aposentar. Agora sim podia planejar a vida.

Um detalhe não pode ser deixado de lembrar. Ser efetivo, era necessário assinar, garantir a efetividade. Para que isto acontecesse precisava percorrer aproximadamente uma centena de quilômetros saindo do distrito até chegar à cidade. Fácil seria se não fosse chuva e lama e chuva que Deus mandava. Coitado do veículo que nos conduzia. Parecia sem força. Virava a bunda para um lado, para o outro, rodava e nem saía do lugar. Fui para o chão. Parecia um bicho rapando barro e rapando e rapando foi abrindo caminho para o veículo, aos poucos, ir saindo daquela lama toda até ganhar um trechinho de terra um pouquinho de menos barro e poder seguir até a cidade. E eu fiquei mais parecendo uma estátua de lama. O barro pintou meu corpo. Conseguimos chegar na cidade. Uma nova roupa foi comprada, um banho e o barro foi tirado, ao local da posse fui levado. Posse assinada! Que se dane o barro.

A calça da posse foi para a lavadeira e sabe como voltou, pequenininha, só podia ser usada por uma criança. Foi isso, a calça que eu comprei para a posse, mandei para a lavanderia, era uma calça nova, daria para usar no dia a dia, porém ela encolheu, ficou pequena. E daí? O importante estava garantido, estava efetivo.

Então. A casa em que nos acolheu, foi ficando vazia, fiquei só, então veio a chegada de um bom companheiro, aliás, mais pareciam irmãos do tanto que deu certo. A grana era miudinha para ambos. Se tivesse uma oportunidade de chegar um dinheirinho a mais, seria muito bem vindo.

Então, menino, disse eu a ele: “eu sei fazer um trabalho simples que podia nos render um extra, apenas um detalhe, uma parte deste trabalho eu não sei fazer” e, de imediato veio a resposta, se for por isso, conta comigo. Isto para mim moleza. Acho que ele era mais doido que eu. E nos organizamos para o primeiro serviço. Eu não falei que serviço era? Não falei mesmo, quer saber? Era refazer aquele objeto que as pessoas adoram ter em frente àquele outro aparelho que transmitem imagem para sentarem, deitarem e assistirem ao que ao que podiam ver as imagens que vinham através das telas, que de tanto sentarem, se tornam necessário um reparo, e a parte que eu não sabia era usar um outro aparelho para juntar as partes de um material para ser colocado no lugar daquele já desgastado e deixar o objeto novinho, novinho. Sim, ele afirmou que sabia trabalhar com aquele aparelho de costura. Organizamos tudo que precisava e veio o primeiro serviço. AH, menino, chegou a hora de unir as partes, e não que ele **não** sabia. E agora, menino. O socorro de uma amiga e a vontade de

vencer, tudo deu certo, aprendeu rapidinho e, logo já era um profissional na área. E veio um bom reforço em nossos bolsos.

Ali, trabalhava e divertia. Divertia e trabalhava. Os amigos ali vinham compartilhar. Sempre alguma coisa com alegria estava ali para nos animar e, nas mãos de alguns amigos, até um churrasquinho para acompanhar. E, a casa, sempre aberta para os amigos. Um dos nossos, em um campeonato de futebol de salão, (é, menino, eu ainda gostava deste esporte que era minha paixão na adolescência), um dos meninos quebrou a perna. Pensa que o atrapalhou? Que nada. Arrumou uma muleta e não ficava em casa. A perna parecia uma perna de pau, branquinha. Tal foi que um dia já se aproximando de o sol chegar, escuto alguém gritando e batendo na porta, ao acordar e abrir a porta, lá estava o amigo, perna engessada e de muleta precisando dormir um pouco, pois sua casa, nesta época ficava um pouco mais distante e não dispunha de coragem para ir até lá. A nossa casinha, por estar próxima foi a primeira opção.

Sonhava em casar, então vamos casar. Um dado curioso, uma viagem à cidade Maravilhosa, uma oportunidade de conhecer o Rio de Janeiro, tudo que lá há para ser visto e poder ir à praia e, de graça. Casar ou viajar, viajar ou casar, eis a questão. Conversamos, entramos num acordo, era uma oportunidade de conhecer a cidade maravilhosa, conhecer o mar, brincar no mar, pular onda, ver o Cristo Redentor, o Maracanã. Decidimos, vamos viajar. Adiamos o casamento para o ano seguinte, para as

próximas férias. E assim fizemos. Foi um passeio maravilhoso. Nos divertimos e conhecemos o mar.

Um ano para se programar, foi o suficiente para nos organizar. Até uma casa no distrito eu pude comprar. O ano passou, chegaram as férias, se foi o Natal, passou o chamado ano Novo e chegou o dia do nosso casamento. Casamos. Pra mim foi maravilhoso, já acostumara com o povo daquele distrito e até uma casa para ser o nosso Lar foi adquirida. Pra minha esposa foi uma mudança, e que mudança, uma rotina completamente diferente do ritmo que estava acostumada. Deixar um mundo completamente diferente, deixar família, trabalho, uma rotina intensa e partir rumo ao desconhecido, uma cidadezinha com pouco movimento, olha, foi de muita coragem. Até seu sogro a visitavam sempre para saber de seu filho e quando a tornaria sua nora de verdade. Aos poucos tudo foi se ajeitando, se organizando e, para a felicidade geral do casal, um novo concurso. E o que aconteceu? O casal garantia seu trabalho sem se preocupar com uma demissão a qualquer instante, o casal estava efetivo, ela teve um início um pouco descontente com um trabalho um pouco mais pesado. Não desistiu, foi ao sacrifício sabia que naquele momento, ali era a única opção de um trabalho e ela encarou com dignidade, batalhou, com força de vontade, soube esperar um momento para melhorar e, eu passaria a ser duas pessoas no estado, dois salários garantidos para sempre. O sócio também casou, mas continuamos com nosso ganho extra, até o dia que ele resolveu voltar à sua cidade e levou o aprendizado para sua nova profissão.

XI

Nosso Lar, um verdadeiro Lar. Um Lar de alegria e de encontro de amigos. As pessoas passaram a frequentar nosso Lar, tudo por culpa da minha querida e amada esposa que recebia a todos com muito carinho. Até freira passou a frequentar nosso Lar para suas orações, apesar de sua religião não ser a mesma, a recebia com carinho. E, até reuniões para campanhas de caridade.

Lembro que mataram uma vaca para uma festividade de caridade. O engraçado foi que em determinado momento, alguém quis saber se a dona da casa (era lá que aquele animal abatido estava sendo cuidado) tinha lavadeira, ao qual respondeu que ela mesma lavava e passava. No entanto, a lavadeira sugerida era o que ela conhecia por bacia. Só foi engraçado. É o português do nosso Brasil.

Os amigos da educação também amavam nosso cantinho abençoado. De vez em sempre, lá estávamos para uma recreação. O bom era que ia a família completa. Já ouviram falar “Você não sabe o que é um Palmeiras e Corinthians?”. Em nosso encontro tinha. Ali tinha Palmeiras e Corinthians contra Palmeiras e Corinthians. Não tinha rivalidade, tinha amizade.

É claro que era sempre com muita alegria. E alguém tinha que comandar o serviço de servir enquanto o truco, seis esquentava. No serviço de servir também precisava recolher. Um dos que fazia este serviço, depois de recolher os copos que foram usados com os líquidos e pela turma, absorvidos e, por não haver mais os líquidos, estavam vazios e necessitavam serem recolhidos. Então, o

responsável por este departamento, *catou* aproximadamente uma dezena deles em uma única pilha e saiu meio que dançando e os copos também dançando e a dona da casa, assutada, pensava: agora cai, vai meus lindos e amados copos virar cacos. Não virou caco, chegou certinho na pia para ser lavado.

No trabalho tudo ia bem. Até um serviço extra nos garantia uma graninha a mais. Férias. Que delícia! Eram as férias! Que pessoas maravilhosas eram o sogro e a sogra e as cunhadas, pois era em sua residência que passava quase todos os dias das encantadas férias, exceto os pequenos passeios em outros lugares, um deles, a casa de meus pais que ainda moravam na mesma fazenda.

Na fazenda, a vida difícil continuava. Um pouquinho diferente agora, podia eu amenizar as dificuldades. Meu trabalho efetivo, um serviço extra, a esposa, companheira de sempre. De nada podia reclamar. Foi um período muito bom.

Tudo caminhava e muito bem. Um período, não de rico, mas de um equilíbrio financeiro, claro, né, menino, equilíbrio dentro do nosso padrão. Em uma dessas férias, ao chegar às terras onde vivi, encontrei o caseiro da casa onde ficaríamos um tanto abatido, sem aquela alegria de sempre. Fui saber, aquele animal que tinha medo de carro morrerá, era então necessário um outro para substituir e este substituto já estava lá. Mais uma vez, a falta de dinheiro e o substituto não poderia mais ser o substituto, deveria voltar, pois a grana..., de novo a grana, mas desta vez a grana não faltou e, foi com muita alegria que pude dizer que o substituto iria sim ser o substituo. E mais, o pão nosso de

cada dia não faltaria naquela mesa, pois pude fazer um acordo com quem fornecesse o alimento para aquela família para não deixar faltar, pois tinha eu para custear aquela despesa.

Já havia o fim do regime militar, já se era governado por um governo democrático e se aproximava de uma eleição direta e chegou o momento. Um governo eleito pelo povo. Veio o confisco da poupança e um impeachment. Um período ainda confuso, turbulento, e a vida seguia.

O sócio da grana extra voltou para sua terra, um outro veio ocupar seu lugar e a graninha extra continuou nos ajudando e muito.

Então, em meio a tudo isto, o sonho do primeiro filho que não veio. Foi com muita alegria a notícia da gravidez. Infelizmente não tivemos a oportunidade de ter uma criança em nossa responsabilidade para cuidar, criar, educar. Um aborto. Logo depois da morte de seu irmão. Um acidente, que tristeza. Que mês que nos deixava apreensivo. Era o mês logo após as férias escolares. Uma irmã já havia nos deixado quando se preparava para receber uma filha. Faleceu mãe e filha ainda no hospital se preparando para receber sua filhinha, nossa sobrinha, infelizmente, ou felizmente, os desígnios de Deus, o mistério da vida...

E, com a ida da irmã e filha de volta ao mundo espiritual, me fez lembrar de um casal maravilhoso. Era como os pais dos meninos quando chegaram. Éramos uma turma de meninos chegando para enriquecer o quadro das pessoas que se dedicavam ao ensino dos pequenos naquela casa de educação. Quando chegamos, encontramos esta dupla se planejando a uma união que, não demorou isto

aconteceu, o jovem elegante, sério se uniu então à flor para a formação de um lar e um lar abençoado que nos acolhia com muito carinho. O fato que eu quero relatar era que realmente os meninos meio sem juízo necessitava de alguém que aquietasse o ímpeto daqueles meninos e estava sempre pronto para os momentos de diversão, exercia o papel de como se fosse o chefe daquele grupo, apesar de não representar, mas pra nós, meninos, era o mais respeitado e, no momento que não esqueço, foi em um dia que realizávamos o desafio de Palmeiras e Corinthians contra Palmeiras e Corinthians (Lembra? Ele era um dos que representava o verde) quando ele foi chamado a ouvir uma voz trazendo a notícia que dava o fim daquele desafio naquele dia (era o falecimento da minha irmã, que eu relatei a pouco) e, dando fim ao jogo, nos conduziu até meu lar e, assim, exercendo o seu jeito de cuidar dos meninos, organizou seu veículo e até alguém para conduzi-lo e levar-me para a despedida da irmã que deixava este mundo. Nos momentos de alegria ele animava e na tristeza ele socorria.

E a vida continua e continuou. E a espera do segundo que chegou mas foi também embora.

Então, o sonhado filho, na verdade foi uma filha que não ficou com a gente nos deixou tristes. Chegou, mostrou seu rostinho lindo (só eu a vi), ficou algumas horas e voltou ao plano espiritual. Por mais que tentamos entender e compreender, não entendemos nem compreendemos. A dor bate forte, fica o vazio.

Então decidimos que estava na hora de sair em busca de novos ares. Junto a isto, pesava a mudança de direção naquela casa de educação. Mudança, porque o destino

assim o quis. É. Lembra de quando este menino ali chegou e foi recebido por uma pessoa, responsável pela organização e direção daquele local de aprendizagem das letras, dos números, também das histórias, das ciências e do que fosse permitido ensinar ali? Então...

Naquela casa de educação tudo caminhava relativamente tranquilo quando aquele dirigente que recebeu este menino oferecendo a oportunidade para somar os conhecimentos à sua equipe precisou deixar a direção, pois estava de transferência do plano físico para o plano espiritual.

Tudo dependia da assinatura dele, era o chefe, até que não fosse escolhido outro a substituir, nada poderia ser assinado. E aquelas pequenas despesas do dia a dia foi ficando, e o substituto não chegava. A pessoa que respondia verbalmente já não sabia o que fazer.

De repente, um circo. É. Um circo na cidade. Uma oportunidade de um dinheirinhos para os detalhes mais urgentes. Que tal?

Sim. A escola foi convidada a uma parceria. A casa de educação se dividiu ao meio. De um lado se gritava “Atchim” e a resposta vinha em um “Espirro”. Isto. Atchim e Espirro comandou o espetáculo. Este menino era um deles. O outro, apareceu um outro mais doido que este menino e formaram a dupla naquela tarde de um belo final de semana e... Deu certo, saiu a graninha que pode esperar a chegada da nova direção. Foi assim...

XII

Decidimos então, que era hora de mudar para a cidade.

No distrito ia bem. Eu sentia a necessidade de graduar mais um pouquinho, se especificar em algum conteúdo e, de onde eu estava era quase impossível naquele momento. A cidade oferecia a oportunidade de mostrar o caminho. Seguimos então rumo à cidade. Tudo certinho, casa alugada, início das aulas marcado. Tudo certo. Era o primeiro dia letivo (primeiro mês após as férias). Esposa e eu nos dividimos, viajou ela para junto de nossa família, e o que mais preocupava naquele momento era a saúde de meu pai que se encontrava em um leito de hospital, e caminhava eu à primeira aula. Ansioso, é claro. Ouvi o soar do sino, era o início e caminhava eu para o encontro daquela turma ao qual esperavam ansiosa para saber quem era eu. E o telefone toca, fui chamado de volta. Ali, junto ao telefone, uma lágrima insistia em cair. A voz que vinha do outro lado dizia que “seu pai está deixando este mundo”. E o meu primeiro encontro com novas crianças fora adiado. Faz parte da vida.

Foi isto. Era novamente mês de agosto. Era a segunda segunda feira daquele mês, que significa que o domingo fora o segundo do mês. Em visita a família pude ver meu pai, já triste, pois depois do nosso encontro já caminharia ao hospital. Nos despedimos. Voltei triste, mas era necessário a volta, seria o meu primeiro dia de trabalho. Minha esposa continuava a espera de sua remoção, seria natural, pois deveria acompanhar o marido, é a Lei. (logo foi resolvido). A casinha do distrito fora vendida e o dinheiro chegou, a esposa, juntou o dinheiro e caminhou de

volta à cidade de nossas famílias. Voltava ela de ônibus. Saía cedo das terras mineiras rumo a cidade paulista, fato então que só soube que seu sogro já voltava ao mundo espiritual ao chegar e encontrar sua irmã esperando para dar a notícia e levar ao hospital, pois seu corpo ainda estava lá à espera dos procedimentos naturais. Quando cheguei, já havia se resolvido e já se encontrava na vila e pra lá, por um de seus irmãos, fui levado. Foi triste, mas é a vida. E vida que segue.

Minha mãe não podia mais ficar na fazenda com a lavoura de café. Fez um acordo e veio pra cidade. E ali, na casa nova que fazia pouco a construção pode receber nossa mãe, e tudo foi se ajeitando.

Na cidade não havia uma graduação superior mas dela era permitido uma viagem de ida e volta para outra cidade (Era a mesma cidade de onde viemos e a família continuava). Era necessário mais este sacrifício. Vamos a luta.

Lembra do sonho que acabou? Fora apenas interrompido. A oportunidade de voltar aos bancos de estudos e conquistar mais um degrau acima. (descobri que uma outra pessoa também houvera interrompido seu sonho na graduação e voltamos juntos para concluir mais esta etapa que havia ficado como se fosse um sonho que havia se acabado.)

E tudo foi difícil. A grana ficou pequena. Deixei de ganhar aquela graninha extra e mais o custo do aluguel. Mas era preciso o sacrifício. E, junto veio a alegria de uma criança. Uma gravidez. Já estava difícil, só ia continuar

difícil, mas a alegria de ser pai, ser mãe valia qualquer sacrifício.

Com o dinheiro da casa do distrito foi possível a compra de um lote. Com a gravidez, a sonhada criança, com mais sacrifício ainda partimos à luta em construção da nossa casinha, de um lar para receber nossa filhinha.

Eu, trabalho e faculdade, faculdade e trabalho. Sobrou pra quem? Pra esposa, é claro. Ir atrás de tudo. Ainda bem que ela dirigia, sim dirigia e dirigia bem, mas naquele momento isto nada valia. Não tínhamos o tal carro. Tinha que fazer tudo a pé, ela e nossa filha, sim, ela já estava na barriga da mãe e caminhavam as duas juntas. Iam para um lado, resolviam o que podiam, partiam para outro. Quanta burocracia.

E foram, e voltaram, e foram de novo, até que a casinha foi construída. Foi uma heroína, lutou e conseguiu. Vendemos uma parte do terreno, mas valeu a pena. Quando nossa linda filha chegou, já existia nosso Lar. Era pequena, dois quartos, um banheiro, sala e cozinha juntos e um pequeno espaço para lavanderia. Blocos grandes, sem reboco, chão no contrapiso e telhas *eternite*. Quando ficou pronta e entramos, parecia a melhor casa do mundo. Aos poucos fomos melhorando, hoje até posso dizer que é uma bela casa.

Eu, indo e vindo rumo a graduação que me ajudaria no futuro, a filha dos sonhos chegou. E uma casa só pra nós foi construída. Era simplesinha, mas parecia um castelo. Era o castelo para receber a princesa para encher de alegria.

Era sim, uma bela casa, apesar de pequena, havia espaço para quem precisasse ali ficar e, foi isto, sabe o novo

sócio, sim, veio, mas não para ser sócio de novo, veio com o mesmo sonho que o meu, buscar uma graduação, se qualificar mais. Tal foi em seu primeiro dia de faculdade, o famoso trote, sua cabeça foi trilhada, cheio de caminhos feitos por tesouras. E, quando nos mostrou, é claro, só foi gargalhada.

Eu, indo e vindo e a filha chegou. Lembro que eu chegava em casa já fazendo parte do dia seguinte. Preparava com carinho o leitinho da filhinha e no bercinho ela enchia a barriguinha e dormia. Eu, um banho, cama, e o despertador não deixava que o sono fosse mais longo. Pulava já da cama e vamos que vamos, trabalhar, trabalhar, viajar, estudar, voltar e...(foi uma rotina que durou três anos)

Caminhando, sempre caminhando para frente. A filhinha crescendo. Pra mim, uma pós-graduação e, chega, ponto final. Tudo que fiz, agora chegara a hora da nossa filhinha.

E, assim, as coisas começaram a melhorar, a situação financeira continuava difícil, mas nos permitia um controle. Compramos uma *mobilete*, (Será que ainda existe). Com ela íamos para todo lado, os três. Até pescar agente ia com ela. Até que... o primeiro carro, UM FUSCA, viva, conseguimos o primeiro carro. Que delícia, que encanto. Viagens para a família, era com o fusca. Quando as famílias se juntavam, era um verdadeiro desfile de fusca.

Depois foi trocado por um outro mais potente, no entanto não nos agradou, só nos deu dor de cabeça e, aí sim, chegou um bem mais novo, era quase novo. Ficou muitos

anos nos levando para todos os lados. Boas viagens, até à praia ele nos levou.

Para a aquisição deste veículo mais novo, precisei recorrer ao chamado empréstimo. As contas foram feitas, as finanças pareciam organizada e, após cálculos e cálculos, era suficiente pra seguir em frente. Só não contava com uma terrível dor que me deixou sem passos. E, com isto, o bolso foi ficando leve, vazio e, as dificuldades voltaram. E, com paciência e resignação, depois de quase um semestre assim, os passos lentamente foram voltando. E a rotina voltou a ser como antes.

As coisas foram se organizando, trabalhando, ensinando, fazendo tudo sempre com muito carinho, muito respeito. Até que, pulamos o “corguinho” e partimos em visita à família. Sabe quando ainda na casa da avó, aquela que chegou logo depois de mim? Então, da visita a passeio, passou a visita ao hospital. É, a notícia que voltou foi triste, a dor forte que ela sentia era... (?!?!?) Era. E ficou pouquíssimo tempo junto a nós e virou estrelinha também.

E a vida tem que continuar. O tempo passou ...

Até que a idade foi chegando e a tão sonhada aposentadoria chegou. E chegou o último dia de o menino estar ali ensinando as palavras. Gente, que momento, que alegria. A despedida foi uma festa, um momento gratificante. A escola inteira em homenagem, aplausos, leituras, abraços, carinhos e ... chegou ao fim a responsabilidade de levar o conhecimento das regras das escritas, das leituras para quem ali estavam a espera do aprendizado, deixando tudo para a chegada de outros.

XIII

Mas, voltando, hora da filha.

Agora tinha que começar pelo pré. Acredita que ela fez no pré o mesmo que fiz no primeiro ano? Não lembra o que eu fiz? Volta lá pra lembrar o que fiz (um ano sem conversar com a professora). Depois, seguiu. Fundamental, segundo grau e, direto para universidade. Acabando a universidade, correu de volta pra universidade. Estudou, se formou, concurso, efetiva se tornou...

E foi assim. É isto mesmo passou em um concurso de uma Universidade Federal e voltou pra casa.

Um detalhe curioso, serve até para uma reflexão. Estava ela em final de estudos na universidade. Já estava trabalhando e ganhando seu dinheirinho (serviço e dinheiro pequeno, mas já era um trabalho, nem terminara a universidade ainda, então estava bom.) Até que surge a oportunidade de um emprego melhor, em outra cidade. Passara em todas as etapas. Faltava a entrevista final. Tudo foi organizado, viajaria de avião. No dia marcado, foi necessário a mudança de horário no trabalho e não pode comparecer à entrevista. Ficou triste. Dias depois, uma amiga, uma outra flor veio me dizer de um concurso de uma universidade que abriria em nossa cidade, porém era o último dia. Consegui comunicar a esposa que comunicou a filha que correu e que fez a inscrição.

Tudo tão rápido, nem tempo para estudar. Mas ainda estava estudando, tava tudo fresquinho na cabeça. Concurso feito, gabarito corrigido, número de acerto satisfatório, e a ansiedade cresceu. Resultado final, classificação na colocação de uma medalha de bronze em uma competição.

Levou o bronze porque o medalhista de prata era mais velho. Isto mesmo. Empate em todos os quesitos. Perdeu a prata por ser mais jovem. Ainda mais que o medalhista de ouro dava sinais que abriria mão do prêmio e assim o fez, deixando o ouro nas mãos do próximo e não assumiu seu lugar no pódio, deixando o espaço para o segundo. Perder uma oportunidade desta por ser ainda jovem. Era a chance de voltar para casa. Ficou triste. Quem não ficaria. E, nós pais, mais tristes ainda. Ter a filha amada de volta ao nosso lar. Um mês se passou e o pódio para receber a medalha de ouro continuou vazio. Então, chegou a sua vez, do bronze ao ouro. Aí foi um corre-corre para organizar tudo. Tempo de estágio, colação de grau. Foi aí que descobriu que, se tivesse sido coroada com a medalha de ouro, o ouro não poderia ter ficado com ela, ainda não tinha tempo de estágio suficiente para a colação de grau. Aí foi uma festa.

XIV

Eu? Coloquei meu cavalinho na sombra. Aposentei.
Esposa? Também.

Temos nosso Lar, um carro popular e até um carro
melhor pra passear.

Vencemos.

E a filha, conta mais da filha? A filha tem a sua
história. Ela que conte a sua história.

E, vida que segue.

Assim ficou **O Menino**

Aí está, este é o meu Menino, contando a história da vida que é a vida, sofrida vida. Que também é o encanto do encanto. A alegria da alegria de viver aprendendo, compreendendo, sabendo aprender a viver, buscando o encanto da sabedoria levando o amor nas asas da poesia, que também sabe chorar e sorrir , trabalhar e divertir, mostrando e encanto da diversão. E, enquanto o tempo passa, aprendendo com sabedoria para assim também levar a mensagem de ensinamentos, através de reflexões por meio de palavras que nos ensinam o Amor a Deus e ao próximo como a si Mesmo.

E assim, vou concluindo este Menino mostrando um
pouco do meu

Eu

Gente, sabe que até fiquei assustado. Até nas escritas eu vou me sentindo cheio de dúvidas. Você reparou nisto?

Pois é, são tantas perguntas e a dualidade está sempre presente. Vou questionando e deixando as conclusões por conta do leitor.

**Sou Eu,
Assim do jeito que Eu Sou.**

Um abraço e um beijo em seu coração